Paul Verlaine

OS

POETAS MALDITOS

Tradução: Bruno F. Castro
Contato: brufec7@gmail.com
Manaus/Amazonas/Brasil
2025

Esta é uma tradução de uma obra de domínio público. Todas as imagens inseridas nela foram retiradas da Internet, bem como a pesquisa sobre a obra se embasou inteiramente através de diversos sites consultados.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....2
TRISTAN CORBIÈRE.....3
ARTHUR RIMBAUD.....15
STÉPHANE MALLARMÉ.....39
MARCELINE DESBORDES-VALMORE.....54
VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.....76
PAUVRE LELIAN.....89

PREFÁCIO

Era Poetas Absolutos que se deveria dizer para permanecer calmo, mas, além de que a calma pouco convém nestes tempos, nosso título tem a seu favor que corresponde bem à nossa aversão — e, temos certeza, à dos sobreviventes entre os Todo-Poderosos em questão — pelo vulgar dos leitores de elite, uma dura falange que nos retribui bem.

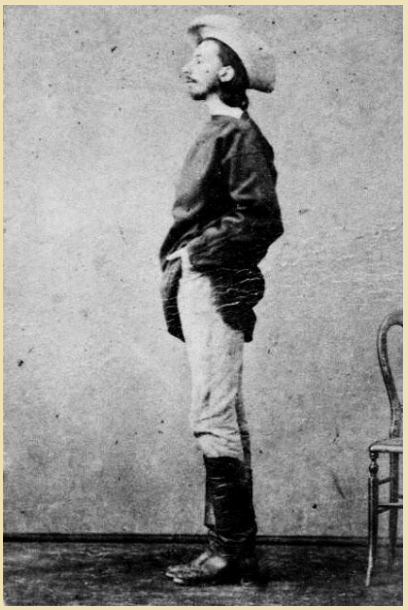
Absolutos pela imaginação, absolutos na expressão, absolutos como os Reys-Netos[1] *dos melhores séculos.*

Mas malditos! Julguem vocês.

[1] Expressão arcaica evocando os descendentes de reis absolutistas dos séculos XVI a XVIII, especialmente na Espanha. Verlaine a emprega ironicamente no prefácio para comparar os poetas malditos a figuras de autoridade estética extrema. A metáfora exalta sua grandeza imaginativa e literária, mesmo sendo excluídos pelo gosto dominante. Reflete o contraste entre linhagem nobre e marginalidade cultural.

I

TRISTAN CORBIÈRE



Tristan Corbière foi um bretão[2], um marinheiro[3], e o desdenhoso por excelência, esse triplo. Bretão sem muita prática católica, mas crente no diabo; marinheiro, nem militar, nem sobretudo mercante, mas um apaixonado furioso pelo mar, que só navegava durante tempestades, excessivamente impetuoso sobre esse mais impetuoso dos cavalos (contam-se dele prodígios de imprudência louca), desdenhoso do Sucesso e da Glória a ponto de parecer desafiar esses dois imbecis a despertar sua piedade por eles, mesmo que por um instante!

Passemos sobre o homem que foi tão elevado, e falemos do poeta.

Como rimador e como prosodista, ele não tem nada de impecável, ou seja, de enfadonho. Ninguém dos Grandes como ele é impecável, a

[2] Édouard-Joachim Corbière nasceu no dia 18 de julho de 1845, em Ploujean (Morlaix), comuna francesa situada na região administrativa de Bretagne (Bretanha), no departamento de Finistère (Finisterra).

[3] Tristan Corbière possuía um barco, cujo nome era *le Négrier*, em homenagem ao livro mais célebre de seu pai, o marinheiro, jornalista e escritor, Édouard Corbière (1793-1875), considerado como o pai do romance marítimo na França. O pai de Corbière casou-se aos cinquenta e um anos com Marie-Angélique-Aspasie-Puyo (1826-1891), uma jovem de dezessete anos e filha de um amigo seu.

começar por Homero[4], que às vezes cochila, até chegar em Goethe[5], o muito humano, não importa o que digam, passando pelo mais que irregular Shakespeare[6]. Os impecáveis, esses são… tais e tais. Madeira, madeira e mais madeira. Corbière era, simplesmente, carne e osso.

Seu verso vive, ri, chora muito pouco, zomba bem, e brinca melhor ainda[7]. Amargo e salgado como seu querido Oceano, nada acolhedor como às vezes acontece com este amigo turbulento, mas, como ele, rolando raios de sol, lua e estrelas na fosforescência de uma ondulação e de ondas enfurecidas!

Ele se tornou parisiense por um instante, mas sem o sujo espírito mesquinho: soluços, um vômito, a ironia feroz e brilhante, bílis e febre se exasperando em genialidade e até que alegria[8]!

Exemplo:

RESCOUSSE
RESGATE

Si ma guitare
Se meu violão
Que je répare,
Que eu reparo,
Trois fois barbare,
Três vezes bárbaro,
***Kriss* indien,**
Kriss[9] *indiano,*

---

[4] Homero é o lendário poeta da Grécia Antiga, atribuído como autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, dois dos grandes épicos fundadores da tradição ocidental. Sua existência real é incerta, mas sua influência atravessa milênios como símbolo da origem da literatura.

[5] Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um polímata, autor, estadista, poeta, dramaturgo e pensador alemão do século XVIII, cuja obra atravessa o romantismo e o classicismo. Autor de *Fausto* e *Werther*, sua escrita funde paixão, filosofia e ciência numa busca incansável por sentido e beleza.

[6] William Shakespeare (1564-1616) foi um poeta, ator e dramaturgo inglês do século XVI, cuja obra atravessa séculos com personagens intensos e linguagem inventiva. Autor de *Hamlet*, *Romeu e Julieta* e mais de 150 sonetos, moldou o teatro e a literatura como espelhos da condição humana.

[7] Tristan Corbière foi um poeta excêntrico e provocador que transformou sua própria vida em espetáculo marginal. Segundo relatos biográficos, ele costumava se disfarçar de mendigo, mulher ou padre, raspava as sobrancelhas e chegou a desfilar com um porco encoleirado vestido de bispo durante o carnaval em Roma — supostamente diante do papa. Essas histórias, embora cercadas de exagero ou lenda, refletem seu espírito irreverente e zombeteiro, em perfeita sintonia com a poesia ácida e carnavalesca que escreveu.

[8] Corbière passou brevemente por Paris, mas sua presença foi quase invisível à cena literária da época. Avesso ao convívio social e marcado por problemas de saúde, viveu à margem da capital, sem reconhecimento público — até ser resgatado postumamente por Verlaine como um dos "poetas malditos".

[9] Um tipo de adaga de origem no Sudeste Asiático, caracterizada por sua lâmina ondulada e simbolismo cultural e espiritual. Muitas vezes associada a rituais, mitos e status social.

Cric de supplice,
Engrenagem de suplício,
Bois de justice[10]**,**
Madeira de justiça,
Boîte à malice,
Caixa de malícia,
Ne fait pas bien…
Não faz bem…

Si ma voix pire
Se minha voz pior
Ne peut te dire
Não pode te dizer
Mon doux martyre…
Meu doce martírio…
— Métier de chien ! —
— Trabalho de cão! —

Si mon cigare
Se meu cigarro,
Viatique et phare,
Viático e farol,
Point ne t'égare ;
De forma alguma te desvie;
— Feu de brûler…
— Fogo para queimar…

Si ma menace,
Se minha ameaça,
Trombe qui passe,
Tromba que passa,
Manque de grâce ;
Falta de graça;
— Muet de hurler !…
— Mudo de tanto gritar!…

Si de mon âme

[10] Um dos inúmeros apelidos da guilhotina.

Se da minha alma
La mer en flamme
O mar em chamas
N'a pas de lame ;
Não tem uma onda;
— Cuit de geler…
— Cozido de tanto congelar…

— Vais m'en aller !
— Vou zarpar!

Antes de passarmos ao Corbière que preferimos, enquanto apreciamos os outros, é necessário insistir no Corbière parisiense, no Desdenhoso e no Zombador de tudo e de todos, incluindo ele mesmo.

Leia ainda este

ÉPITAPHE
EPITÁFIO

Il se tua d'ardeur et mourut de paresse.
Ele se matou de ardor e morreu de preguiça.
S'il vit, c'est par oubli ; voici ce qu'il se laisse :
Se vive, é por esquecimento; eis o que ele se deixa:

— Son seul regret fut de n'être pas sa maîtresse. —
— Seu único arrependimento foi não ser sua própria amante. —

Il ne naquit par aucun bout,
Não nasceu por nenhuma extremidade,
Fut toujours poussé vent-de-bout,
Foi sempre empurrado contra o vento,
Et fut un arlequin-ragoût,
E foi um arlequim ensopado,
Mélange adultère de tout.
Mistura adúltera de tudo.

Du *je-ne-sais-quoi*. — Mais sachant tout ;
De *um não sei o quê. — Mas sabendo tudo;*
De l'or, — mais avec pas le sou ;
Do ouro — mas sem um tostão;

Des nerfs, — sans nerf. Vigueur sans force ;
Dos nervos — sem nervo. Vigor sem força;
De l'élan, — avec une entorse ;
Do ímpeto — com uma entorse;
De l'âme — et pas de violon ;
Da alma — e sem violino;
De l'amour, — mais pire étalon.
Do amor, — mas pior garanhão.
— Trop de noms pour avoir un nom. —
— Nomes demais para ter um nome. —

…

Passamos estes e alguns dos mais divertidos.

…

Pas poseur, — posant pour *l'unique* ;
Não um poser — posando para a única*;*
Trop naïf étant trop cynique ;
Ingênuo demais sendo cínico demais;
Ne croyant à rien, croyant à tout.
Não crendo em nada, crendo em tudo.
— Son goût était dans le dégoût.
— Seu gosto estava no desgosto.

…

Trop *Soi* pour se pouvoir souffrir,
Si próprio *demais para se poder sofrer,*
L'esprit à sec et la tête ivre,
De espírito seco e cabeça ébria,
Fini, mais ne sachant finir,
Findado, mas sem saber findar,
Il mourut en s'attendant vivre
Morreu esperando viver
Et vécut s'attendant mourir.
E viveu esperando morrer.
Ci-gît, — cœur sans cœur, mal planté,
Aqui jaz, — coração sem coração, mal plantado,

Trop réussi — comme raté.
Bem-sucedido demais — como fracassado.

Além disso, seria necessário citar toda essa parte do volume, e todo o volume, ou melhor, seria necessário reeditar essa obra única, *Les Amours Jaunes*[11], publicada em 1873, hoje quase impossível de encontrar[12], onde Villon[13] e Piron[14] se comprazeriam ao ver um rival frequentemente feliz, — e os mais ilustres dentre os verdadeiros poetas contemporâneos encontrariam um mestre à sua altura, pelo menos!

E vejam bem, ainda não queremos abordar o bretão e o marinheiro sem algumas últimas apresentações de versos isolados, que existem por si mesmos, da parte dos *Amores Amarelos* que nos ocupa.

A propósito de um amigo morto "de *charme*, de beber ou de tuberculose"[15]:

Lui qui sifflait si haut son petit air de tête.[16]
Ele que assobiava tão alto sua cantiga de cabeça.

A propósito do mesmo, provavelmente:

Comme il était bien Lui, ce Jeune plein de sève !
Como estava bem, Ele, esse jovem cheio de seiva!
Âpre à la vie *O gué* !… et si doux en son rêve.
Ávido pela vida Oh guê*!… e tão doce em seu sonho.*

---

[11] Irmãos Glady*. (Nota do autor.) (*Os editores da obra em questão.)
[12] O único livro de Tristan Corbière. É um compêndio de ironias líricas e contradições existenciais — um epitáfio poético que mistura sarcasmo, melancolia, linguagem quebrada e formas clássicas para zombar do amor, da morte, da identidade e do próprio fazer literário. No Brasil, a obra foi traduzida por Marcos Siscar e publicada pela Editora Iluminuras, em 1991, com o título de "Os Amores Amarelos".
[13] François Villon (1431-1463), pseudônimo de François de Mont Corbier, foi um poeta francês do século XV que viveu entre becos, tavernas e prisões — e transformou essa vida errante em poesia visceral. Com uma escrita marcada por sarcasmo, melancolia e linguagem popular, ele misturou confissão e provocação, criando baladas que falam de amor, morte, miséria e redenção. Considerado o primeiro dos *poetas malditos*, Villon antecipou a modernidade ao dar voz aos marginalizados e rir da própria desgraça. Sua obra mais célebre, *Le Testament*, é um inventário lírico de contradições humanas — um testamento escrito por quem já se considerava morto.
[14] Alexis Piron (1689-1773) foi um poeta e dramaturgo francês do século XVIII, conhecido por sua verve afiada, epigramas mordazes e humor irreverente. Nascido em Dijon, ganhou fama com peças satíricas e comédias como *La Métromanie*, que zombava da obsessão poética e ridicularizava figuras como Voltaire. Apesar de ter sido eleito para a Academia Francesa, foi barrado pelo rei Luís XV por causa de sua escandalosa *Ode à Priapo*. Piron transformou o sarcasmo em arte — e deixou como epitáfio a frase: *"Aqui jaz Piron, que não foi nada, nem mesmo acadêmico."*
[15] Penúltimo verso de *Pauvre Garçon (Pobre Menino)*, poema contido em *Les Amours Jaunes*.
[16] Primeiro verso de *Pauvre Garçon*.

Comme il portait sa tête ou la couchait gaîment ![17]
Como portava sua cabeça ou a deitava alegremente!

Finalmente, este soneto endiabrado, com um ritmo tão belo:

HEURES
HORAS

Aumône au malandrin en chasse !
Esmola ao malandro à caça!
Mauvais œil à l'œil assassin !
Mau olhado para o olho assassino!
Fer contre fer au spadassin !
Ferro contra ferro ao espadachim!
— Mon âme n'est pas en état de grâce ! —
— Minha alma não está em estado de graça! —

Je suis le fou de Pampelune,
Sou o louco de Pamplona,
J'ai peur du rire de la Lune,
Tenho medo do riso da Lua,
Cafarde, avec son crêpe noir…
Melancólica, com seu véu negro…
Horreur! Tout est donc sous un éteignoir.
Horror! Tudo está então sob um abafador[18].

J'entends comme un bruit de crécelle…
Ouço como um som de matraca[19]*…*
C'est la male heure qui m'appelle.
É a má hora que me chama.
Dans le creux des nuits tombe : un glas… deux glas.
No vazio das noites, soa: um dobre… dois dobres.

J'ai compté plus de quatorze heures…
Contei mais de quatorze horas…

[17] Primeira estrofe de *Déclin (Declínio)*, um poema de Corbière.
[18] Abafador (Éteignoir): em francês, originalmente designa um objeto usado para apagar velas, como um apagador de chamas.
[19] Matraca (Crécelle): em francês, refere-se a um instrumento de percussão que produz um som seco e repetitivo, tradicionalmente usado em cerimônias religiosas, como na Semana Santa. Também pode aludir ao ruído de um objeto barulhento, como um chocalho ou até ao som estridente de uma voz desagradável.

L'heure est une larme — Tu pleures,
A hora é uma lágrima — Tu choras,
Mon cœur !… Chante encor, va — Ne compte pas.
Meu coração!... Cante ainda, vá — Não conte.

Vamos admirar bem humildemente, — entre parênteses, essa língua forte, simples em sua brutalidade charmosa, estonteantemente correta, essa ciência, ao fundo, do verso, essa rima rara senão rica em excesso.

E desta vez falemos do Corbière ainda mais soberbo.

Que bretão, bretanhando da maneira certa!

O filho das urzes e dos grandes carvalhos e dos costões que ele era! E como tinha, esse falso cético assustador, a lembrança e o amor pelas fortes crenças bem supersticiosas de seus rudes e ternos compatriotas da costa[20]!

Escutem, ou melhor, vejam, vejam, ou melhor, escutem (pois como expressar suas sensações com aquele monstro?) estes fragmentos, pegos ao acaso, de seu *Pardon de Sainte Anne*[21].

…

Mère taillée à coups de hache,
Mãe talhada a golpes de machado,
Tout cœur de chêne dur et bon.
Coração todo de carvalho, duro e bom.
Sous l'or de ta robe se cache
Sob o ouro do teu manto se esconde
L'âme en pièce d'un franc Breton !
A alma em pedaços de um franco Bretão!

Vieille verte à face usée
Velha verde, de rosto gasto,
Comme la pierre du torrent ;
Como a pedra da torrente;

[20] Após ter deixado a casa dos pais, entre 1863 e 1868, Corbière estabeleceu-se em Roscoff, comuna francesa situada à beira-mar, localizada na costa norte da Bretanha onde, devido à sua magreza e palidez habitual, os habitantes locais o apelidaram de *Ankou* que, segundo a mitologia bretã, é a entidade conhecida como o "espectro da morte"; ali, Corbière morou só, em uma propriedade familiar, tornando-se alguém notório por sua excentricidade e sua fisionomia.

[21] O título original do poema é *La Rapsode foraine et le Pardon de Sainte-Anne (A Rapsódia Forânea e o Perdão de Santa Ana)*, poema contido em *Les Amours Jaunes*.

Par de larmes d'amour creusée,
Cavada por lágrimas de amor,
Séchée avec des pleurs de sang.
Secada com prantos de sangue.

…

Bâton des aveugles ! Béquille
Cajado dos cegos! Muleta
Des vieilles ! Bras des nouveau-nés !
Das velhas! Braço dos recém-nascidos!
Mère de madame ta fille !
Mãe da senhora, tua filha!
Parente des abandonnés !
Parente dos abandonados!

O Fleur de la pucelle neuve !
Ó Flor da jovem donzela!
Fruit de l'épouse au sein grossi,
Fruto da esposa de seios fartos,
Reposoir de la femme veuve…
Retiro da mulher viúva…
Et du veuf Dame-de-merci !
E do viúvo cheio-de-Graça!

…

Prends pitié de la fille-mère,
Tem piedade da mãe precoce,
Du petit au bord du chemin.
Do pequeno à beira do caminho.
Si quelqu'un leur jette la pierre
Se alguém lhes atirar uma pedra,
Que la pierre se change en pain
Que a pedra se transforme em pão.

…

Impossível citar tudo desse *Perdão* no quadro restrito que nos impusemos. Mas não nos pareceria certo nos despedir de Corbière[22] sem entregar por inteiro o poema intitulado *la Fin*[23], onde está todo o mar.

O combien de marins, combien de capitaines
Etc.[24] **(V. Hugo**[25]**)**
Oh quantos marinheiros, quantos capitães,
Etc. (V. Hugo)

Eh bien, tous ces marins — matelots capitaines,
Pois bem, todos esses marinheiros — marujos, capitães,
Dans leur grand Océan à jamais engloutis…
No seu vasto Oceano para sempre engolidos…
Partis insoucieux pour leurs courses lointaines
Partiram despreocupados para suas jornadas distantes,
Sont morts — absolument comme ils étaient partis.
Morreram — exatamente como haviam partido.

Allons ! c'est leur métier ; ils sont morts dans leurs bottes !
Vamos! É o trabalho deles; morreram com as botas calçadas!
Leur *boujaron* au cœur, tout vifs dans leurs capotes…
Com o grogue[26] *no peito, ainda vivos em suas casacas…*
— *Morts*… Merci : la *Camarde* a pas le pied marin
— Mortos… Mercê: a Ceifadora *não tem o safo marinheiro,*
Qu'elle couche avec vous : c'est votre bonne-femme…
Que ela se deite com vocês: é a sua boa esposa…
— Eux, allons donc : Entiers ! enlevés par la lame
— Eles, pois então: Inteiros! Arrebatados pela onda
Ou perdus dans un grain…

---

[22] Tristan Corbière morreu em 1º de março de 1875, aos 29 anos, em Morlaix, na Bretanha, vítima de tuberculose. Poeta marginal e sarcástico, viveu à sombra da glória literária e publicou apenas um livro — *Les Amours jaunes*. Morreu sem reconhecimento, mas sua poesia, marcada por ironia e rebeldia formal, seria redescoberta anos depois por Verlaine e celebrada como precursora do simbolismo. Foi sepultado no Cemitério Saint-Augustin, em sua cidade natal.

[23] *(O Fim)* Corbière compôs este poema como paródia do poema *Oceano Nox* (1836), de Victor Hugo.

[24] Primeiro verso de *Oceano Nox*.

[25] Victor-Marie Hugo (1802-1885) foi um dos maiores nomes do romantismo francês — poeta, romancista e dramaturgo que transformou a literatura em instrumento de justiça social. Autor de *Os Miseráveis* e *O Corcunda de Notre-Dame*, sua obra mistura lirismo, crítica política e compaixão pelos marginalizados, tornando-o uma voz eterna da liberdade e da dignidade humana.

[26] *Boujaron* (Grogue): bebida alcoólica forte, tradicionalmente feita com rum diluído em água, às vezes misturado com suco de limão, açúcar e especiarias. Originalmente consumido por marinheiros, o grogue se tornou parte de diversas culturas ao longo do tempo.

Ou perdidos em uma tormenta…

Un grain… est-ce la mort ça ? la basse voilure
Uma tormenta… será que isso é a morte? A vela baixa
Battant à travers l'eau ! — Ça se dit *encombrer*…
Batendo contra a água! — Isso se chama embargar*...*
Un coup de mer plombé, puis la haute mâture
Um golpe de mar, de chumbo, depois o alto mastro
Fouettant les flots ras — et ça se dit *sombrer*.
Chicoteando as ondas rentes — e isso se chama naufragar*.*

— Sombrer — Sondez ce mot. Votre *mort* est bien pâle
— Naufragar — Sondem essa palavra. A sua morte *é bem pálida*
Et pas grand'chose à bord, sous la lourde rafale…
E quase nada a bordo, sob a rajada pesada…
Pas grand'chose devant le grand sourire amer
Quase nada diante do grande sorriso amargo
Du matelot qui lutte. — Allons donc, de la place ! —
Do marujo que luta. — Pois então, deem espaço! —
Vieux fantôme éventré, la Mort change de face :
Velho fantasma esventrado, a Morte muda de face:
La Mer !…
O Mar!...

Noyés ? — Eh ! allons donc ! Les *noyés* sont d'eau douce.
Afogados? — Ei! Pois então! Os afogados *são de água doce.*
— Coulés ! corps et biens ! Et, jusqu'au petit mousse,
— Afundados! Corpos e bens! E, até o pequeno grumete,
Le défi dans les yeux, dans les dents le juron !
O desafio nos olhos, o palavrão nos dentes!
À l'écume crachant une chique râlée,
À espuma cuspindo um fumo mascado,
Buvant sans hauts-de-cœur *la grand' tasse salée*…
Bebendo sem náuseas da grande caneca salgada*...*
— Comme ils ont bu leur boujaron. —
— Como beberam seu grogue. —

…

— Pas de fond de six pieds ni rats de cimetière :

— Nada de covas de seis pés nem ratos de cemitério:
Eux, ils vont aux requins ! L'âme d'un matelot,
Eles, sim, vão para os tubarões! A alma de um marujo,
Au lieu de suinter dans vos pommes de terre,
Em vez de se infiltrar em suas batatas,
Respire à chaque flot.
Respira a cada onda.

— Voyez à l'horizon se soulever la houle ;
— Vejam no horizonte erguer-se a ondulação;
On dirait le ventre amoureux
Parece o ventre amoroso
D'une fille de joie en rut, à moitié soûle…
De uma meretriz no cio, meio bêbada…
Ils sont là ! — La houle a du creux. —
Eles estão lá! — A ondulação tem um vão. —

— Écoutez, écoutez la tourmente qui beugle !…
— Escutem, escutem a tormenta que berra!…
C'est leur anniversaire — Il revient bien souvent ! —
É o aniversário deles. — Ele retorna com frequência! —
O poète, gardez pour vous vos chants d'aveugle ;
Ó poeta, guarde para si seus cantos de cego;
— Eux : le *De profundis* que leur corne le vent.
— Eles: o De Profundis[27] *que lhes trombeta o vento.*

… Qu'ils roulent infinis dans les espaces vierges !…
... Que rolem infinitos nos espaços virgens!...
Qu'ils roulent verts et nus,
Que rolem verdes e nus,
Sans clous et sans sapin, sans couvercle, sans cierge.
Sem pregos e sem caixão, sem tampa, sem círio.
— Laissez-les donc rouler, *terriens* parvenus !
— Deixem-nos então rolar, ó terráqueos *pretensiosos!*

⁂

[27] Expressão latina que significa **"**Das profundezas**"**, retirada do Salmo 130 (ou 129, dependendo da numeração bíblica). Tradicionalmente usada como um lamento fúnebre, é um clamor por misericórdia e redenção, evocando a voz dos que pereceram e esperam ser ouvidos.

II

ARTHUR RIMBAUD

Tivemos a alegria de conhecer Arthur Rimbaud. Hoje, certas coisas nos separam dele sem que, é claro, nossa mais profunda admiração jamais tenha faltado ao seu gênio e ao seu caráter[28].

Na época relativamente longínqua de nossa intimidade[29], Arthur Rimbaud era um menino de dezesseis a dezessete anos, já munido de toda a bagagem poética que era preciso que o verdadeiro público conhecesse e que tentaremos analisar, citando o máximo que pudermos.

O homem era alto, forte, quase atlético, com um rosto perfeitamente oval de anjo em exílio, cabelos castanhos-claros em desordem e olhos de um azul pálido inquietante. Ardenês, possuía, além de um belo sotaque regional perdido demasiado rapidamente, o dom de pronta assimilação próprio das pessoas daquela terra[30], — o que pode explicar o rápido dessecamento, sob o sol deslavado de

---

[28] Verlaine escreve sobre Rimbaud com admiração e melancolia, mas evita mencionar diretamente o episódio que os separou: em 1873, Verlaine atirou em Rimbaud durante uma crise de ciúmes, ferindo-o no braço e sendo condenado à prisão. A frase "Hoje, certas coisas nos separam dele…" soa como uma declaração velada de culpa, sugerindo que o afastamento entre eles foi causado por algo irreparável — e que Verlaine prefere não nomear.

[29] Verlaine e Rimbaud se conheceram em 1871, em Paris, e sua relação íntima durou até 1873.

[30] Jean Nicolas Arthur Rimbaud nasceu no dia 20 de outubro de 1854, em Charleville, antiga comuna francesa do departamento estadual de Ardennes (Ardenas), ao norte da França. Rimbaud foi filho de Vitalie Rimbaud, nascida Marie Catherine Vitalie Cuif (1825-1907), uma camponesa, e de Frédéric Rimbaud (1814-1878), um capitão de infantaria francês.

Paris[31], de sua veia, para falar como nossos pais, cuja linguagem direta e correta nem sempre estava errada, no final das contas!

De início, vamos nos ocupar da primeira parte da obra de Arthur Rimbaud, juvenília de sua adolescência, — farra sublime, miraculosa puberdade! — para, em seguida, examinar as diversas evoluções desse espírito impetuoso, até seu fim literário.

Aqui um parêntese, e se, porventura, estas linhas caírem sob seus olhos, que Arthur Rimbaud saiba bem que não julgamos os motivos das pessoas e esteja assegurado de nossa completa aprovação (de nossa tristeza sombria, também) em face de seu abandono da poesia, desde que, como não duvidamos, esse abandono seja, para ele, lógico, honesto e necessário[32].

A obra de Rimbaud, que remonta ao período de sua extrema juventude, ou seja, a 1869, 70, 71, é bastante abundante e formaria um volume respeitável[33]. Ela se compõe de poemas geralmente curtos, de sonetos, triolés, peças em estrofes de quatro, cinco e seis versos. O poeta nunca emprega a rima emparelhada. Seu verso, solidamente estruturado, raramente usa de artifícios. Poucas cesuras liberais, ainda menos encadeamentos. A escolha das palavras é sempre requintada, às vezes pedante de propósito. A linguagem é nítida e permanece clara quando a ideia se ensombrece ou quando o sentido se obscurece. Rimas muito honrosas.

Não poderíamos melhor justificar o que acabamos de dizer do que apresentando-lhes o soneto das

VOYELLES
VOGAIS

A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu, voyelles,
A negro, E branco, I vermelho, U verde, O azul, vogais,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes.
Algum dia direi vossos nascimentos latentes.
A, noir corset velu des mouches éclatantes
A, negro espartilho peludo das moscas refulgentes
Qui bombillent autour des puanteurs cruelles,
Que zumbem em torno dos fétidos cruéis,

[31] Rimbaud fugiu três vezes de casa para ir a Paris, quando ainda adolescente.
[32] Em 1888, Rimbaud já havia cessado de escrever poesia, desde 1875.
[33] A partir de 1865, Rimbaud começou a receber prêmios de excelência em literatura em sua escola, por versões e temas latinos. Contudo, seus poemas mais conhecidos surgiram durante o período indicado por Verlaine, dos 15 aos 17 anos.

Golfes d'ombre ; E, candeur des vapeurs et des tentes,
Golfos de sombra; E, candura dos vapores e das tendas,
Lances des glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombelles ;
Lanças dos orgulhosos glaciares, reis brancos, arrepios de umbelas;
I, pourpres, sang craché, rire des lèvres belles
I, púrpuras, sangue cuspido, riso dos lábios belos
Dans la colère ou les ivresses pénitentes ;
Na cólera ou nas ebriedades penitentes;

U, cycles, vibrements divins des mers virides,
U, ciclos, vibrações divinas dos mares vírides,
Paix des pâtis semés d'animaux, paix des rides
Paz dos pastios semeados de animais, paz das rugas
Que l'alchimie imprime aux grands fronts studieux
Que a alquimia imprime às grandes frontes estudiosas.

O, suprême Clairon plein de strideurs étranges,
O, supremo Clarim cheio de estridores estranhos,
Silences traversés des Mondes et des Anges :
Silêncios atravessados por Mundos e Anjos:
— O l'Oméga, rayon violet de Ses Yeux !
— O, o Ômega, raio violeta de Seus Olhos!

A Musa (paciência! viva nossos pais!) a Musa, dizemos nós, de Arthur Rimbaud assume todos os tons, pinça todas as cordas da harpa, dedilha todas as do violão e acaricia a rabeca[34] com um arco ágil, se é que já existiu um.

Zombeteiro e de humor seco, Arthur Rimbaud o é, quando lhe convém, em primeiro lugar, embora permanecendo o grande poeta que Deus o fez.

A prova disso é a *Oração da Noite*, e esses *Sentados* a se pôr de joelhos adiante!

ORAISON DU SOIR
ORAÇÃO DA NOITE

[34] Instrumento de cordas semelhante ao violino, mas com características próprias. A rabeca tem origem medieval e é frequentemente associada a tradições populares e folclóricas. Diferente do violino clássico, seu som pode ser mais áspero ou rústico, dependendo da forma de construção e da técnica do músico. No Brasil, a rabeca é usada principalmente em ritmos como o forró e o fandango.

Je vis assis, tel qu'un ange aux mains d'un barbier,
Vivo sentado, tal qual um anjo às mãos de um barbeiro,
Empoignant une chope à fortes cannelures,
Empunhando uma caneca de grossas caneluras,
L'hypogastre et le col cambrés, une Gambier
O hipogástrio e o colo arqueados, um Gambier[35]
Aux dents, sous l'air gonflé d'impalpables voilures.
Aos dentes, sob o ar inflado de impalpáveis véus.

Tels que les excréments chauds d'un vieux colombier
Tal qual os excrementos quentes de um velho pombal
Mille rêves en moi font de douces brûlures :
Mil sonhos em mim fazem doces queimaduras:
Puis par instants mon cœur triste est comme un aubier
Depois, por instantes, meu coração triste é como um alburno
Qu'ensanglante l'or jaune et sombre des coulures.
Que o ouro amarelo e sombrio dos escorridos ensanguenta.

Puis quand j'ai ravalé mes rêves avec soin,
Depois, quando engoli meus sonhos com cuidado,
Je me tourne ayant bu trente ou quarante chopes,
Eu me viro, tendo bebido trinta ou quarenta chopes,
Et me recueille pour lâcher l'âcre besoin.
E me recolho para liberar a acre necessidade.

Doux comme le Seigneur du cèdre et des hysopes,
Doce como o Senhor do cedro e dos hissopos,
Je pisse vers les cieux bruns très haut et très loin,
Mijo rumo aos céus pardos, muito alto e muito longe,
Avec l'assentiment des grands héliotropes.
Com o consentimento dos grandes heliotrópios.

Os *Sentados* têm uma historinha que talvez seja preciso contar para que sejam bem entendidos.

Arthur Rimbaud, que estava então no segundo ano como aluno externo no liceu de ***, entregava-se às escapadelas escolares mais audaciosas e, quando se sentia — finalmente! cansado de percorrer

[35] Cachimbo produzido pela fábrica de cachimbos caulinos de Jean Gambier.

montes, bosques e planícies, dia e noite, porque que caminhante! ia à biblioteca da referida cidade e pedia livros malsonantes aos ouvidos do bibliotecário-chefe, cujo nome, pouco digno da posteridade, dança na ponta de nossa pluma[36]. Mas o que importa o nome de um simplório neste trabalho maleditino[37]? O excelente burocrata, cujas próprias funções obrigavam a entregar a Rimbaud, a pedido deste último, uma profusão de Contos Orientais[38] e libretos de Favart[39], tudo isso misturado a vagos livros científicos muito antigos e muito raros, resmungava ao *se levantar* para aquele garoto e o mandava de volta, com gosto, só em palavras, aos seus pouco estimados estudos, a Cícero[40], a Horácio[41] e a não sabemos mais quais outros gregos, também. O garoto, que, aliás, conhecia e apreciava infinitamente melhor os seus clássicos do que o próprio velhote, acabou por se "irritar", daí a obra-prima em questão.

LES ASSIS
OS SENTADOS

Noirs de loupes, grêlés, les yeux cerclés de bagues
Apinhados de calombos, bexigosos, os olhos circulados de anéis
Vertes, leurs doigts boulus crispés à leurs fémurs,
Verdes, seus dedos túmidos crispados em seus fêmures,
Le sinciput plaqué de hargnosités vagues
O sincipúcio coberto de carrancices vagas
Comme les floraisons lépreuses des vieux murs,
Como as florações leprosas das velhas paredes,

Ils ont greffé dans des amours épileptiques
Eles enxertaram, em amores epilépticos,

---

[36] Até por volta do final do século XIX, as penas ou plumas de caligrafia, também conhecidas como canetas-tinteiro, ainda eram bastante utilizadas para escrever.

[37] O termo "maleditino" é uma tradução adaptada do neologismo francês *malédictin*, criado por Paul Verlaine em *Les Poètes Maudits*. Trata-se de uma fusão irônica entre *maudit* ("maldito") — referência ao poeta marginalizado — e *bénédictin* ("beneditino") — evocando o rigor dos trabalhos monásticos. Ao unir esses dois mundos, Verlaine sugere que investigar e documentar a vida de um poeta como Rimbaud exige uma dedicação quase religiosa, mas voltada à revelação de um gênio transgressor. "Maleditino", portanto, condensa essa ideia: um trabalho devoto em nome dos poetas malditos, feito com disciplina, reverência e uma pitada de sarcasmo.

[38] Os *Contes Orientaux* referem-se a narrativas exóticas e fantásticas inspiradas em tradições do Oriente Médio, Ásia Central e Sul da Ásia — como os contos das *Mil e Uma Noites*.

[39] Charles Simont Favart (1710-1792); dramaturgo e diretor de teatro francês.

[40] Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.); advogado, orador, político, escritor, filósofo e cônsul romano.

[41] Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C); filósofo e poeta lírico/satírico romano, um dos principais poetas da Roma Antiga.

Leur fantasque ossature aux grands squelettes noirs
Sua fantasiosa ossatura aos grandes esqueletos negros
De leurs chaises ; leurs pieds aux barreaux rachitiques
De suas cadeiras; seus pés, nos apoios raquíticos,
S'entrelacent pour les matins et pour les soirs,
Se entrelaçam pelas manhãs e pelos anoiteceres.

Ces vieillards ont toujours fait tresse avec leurs sièges,
Esses velhos sempre se trançaram com seus assentos,
Sentant les soleils vifs percaliser leurs peaux,
Sentindo os sóis vívidos percalinar suas peles,
Ou les yeux à la vitre où se fanent les neiges,
Ou, de olhos na vidraça onde se desvanecem as neves,
Tremblant du tremblement douloureux des crapauds.
Tremendo com o tremor doloroso dos sapos.

Et les Sièges leur ont des bontés ; culottée
E os Assentos lhes oferecem bondades; assanhada
De brun, la paille cède aux angles de leurs reins.
De marrom, a palha cede aos ângulos de seus quadris.
L'âme des vieux soleils s'allume, emmaillotée
A alma dos velhos sóis se ilumina, aconchegada
Dans ces tresses d'épis où fermentaient les grains.
Nessas tranças de espigas onde fermentavam os grãos.

Et les Assis, genoux aux dents, verts pianistes,
E os Sentados, joelhos junto aos dentes, verdes pianistas,
Les dix doigts sous leur siège aux rumeurs de tambour,
Os dez dedos sob seus assentos, ao som de rumores de tambor,
S'écoutent clapoter des barcarolles tristes
Se escutam chapinhar barcarolas tristes
Et leurs caboches vont dans des roulis d'amour.
E suas cacholas vão em balanços de amor.

Oh ! ne les faites pas lever ! C'est le naufrage.
Oh! Não os faça levantar! É o naufrágio.
Ils surgissent, grondant comme des chats giflés,
Eles surgem, rosnando como gatos esbofeteados,,
Ouvrant lentement leurs omoplates, ô rage !
Abrindo lentamente suas omoplatas, ó raiva!

Tout leur pantalon bouffe à leurs reins boursouflés.
Toda a sua calça devora os seus quadris inchados.

Et vous les écoutez cognant leurs têtes chauves
E você os escuta arrebentarem suas cabeças calvas
Aux murs sombres, plaquant et plaquant leurs pieds tors.
Contra as paredes sombrias, batendo e batendo seus pés tortos.
Et leurs boutons d'habit sont des prunelles fauves
E seus botões de casaco são pupilas fulvas
Qui vous accrochent l'œil du fond des corridors.
Que fisgam seu olhar do fundo dos corredores.

Puis ils ont une main invisible qui tue ;
Depois, eles têm uma mão invisível que mata;
Au retour, leur regard filtre ce venin noir
Na volta, sua olhada filtra esse veneno negro
Qui charge l'œil souffrant de la chienne battue,
Que carrega o olhar sofrido da cadela espancada,
Et vous suez pris dans un atroce entonnoir.
E você sua, preso num atroz funil.

Rassis, les poings crispés dans des manchettes sales,
Reassentados, de punhos crispados em punhos de camisa sujos,
Ils songent à ceux-là qui les ont fait lever,
Eles pensam naqueles que os fizeram levantar,
Et de l'aurore au soir des grappes d'amygdales
E da aurora ao anoitecer, cachos de amígdalas,
Sous leurs mentons chétifs s'agitent à crever.
Sob seus queixos frágeis, se agitam até estourar.

Quand l'austère sommeil a baissé leurs visières
Quando o austero sono baixou suas viseiras,
Ils rêvent sur leurs bras de sièges fécondés,
Sonham sobre seus braços de assentos fecundados,
De vrais petits amours de chaises en lisières
Com pequenos amores reais por cadeiras com bordeiras
Par lesquelles de fiers bureaux seront bordés.
Pelas quais altivas escrivaninhas serão bordejadas.

Des fleurs d'encre, crachant des pollens en virgules,

Flores de tinta, cuspindo pólens em vírgulas,
Les bercent le long des calices accroupis,
Os ninam ao longo dos cálices agachados,
Tels qu'au fil des glaïeuls le vol des libellules,
Tal como, ao longo dos gladíolos, o voo das libélulas,
— Et leur membre s'agace à des barbes d'épis !
— E seu membro se irrita com barbas de espigas!

Fizemos questão de oferecer tudo deste poema, sabiamente e friamente exagerado, até o último verso tão lógico e de uma ousadia tão feliz. O leitor pode assim perceber a potência da ironia, a verve terrível do poeta, cujos dons mais elevados, dons supremos, magnífico testemunho da Inteligência, nos resta considerar. Prova orgulhosa e francesa, bem francesa, insistamos nisso nestes dias de covarde internacionalismo, de uma superioridade natural e mística de raça e casta[42], afirmação sem contestação possível dessa imortal realeza do Espírito, da Alma e do Coração humanos: a Graça e a Força e a grande Retórica[43] negada por nossos interessantes, sutis, pitorescos, mas limitados e mais que limitados, mesquinhos Naturalistas de 1883![44]

A Força, tivemos um exemplo dela nas poucas peças inseridas acima, mas ainda está tão revestida de paradoxo e de um bom humor formidável que ela só aparece, de certa forma, disfarçada. Nós a reencontraremos em sua integridade, toda bela e toda pura, no final deste trabalho. Por enquanto, é a Graça que nos chama, uma graça particular, desconhecida até agora, onde o bizarro e o estranho temperam a extrema doçura, a simplicidade divina do pensamento e do estilo.

Não conhecemos, por nossa parte, em nenhuma literatura, algo que seja ao mesmo tempo um pouco selvagem e tão terno, gentilmente

---

[42] Este trecho reflete as ideologias e o discurso nacionalista característicos do final do século XIX, época em que conceitos de "raça" e "cultura" eram frequentemente usados para justificar noções de superioridade associadas a identidades nacionais e sociais. É importante interpretar essas palavras dentro de seu contexto histórico, no qual tais ideias eram amplamente aceitas em círculos intelectuais, embora incompatíveis com os valores contemporâneos de igualdade e diversidade. A crítica moderna considera essas perspectivas sob uma ótica histórica, reconhecendo tanto sua relevância literária quanto as limitações éticas inerentes a elas.

[43] Nos tempos de escola, Rimbaud estudou retórica com seu professor e amigo, Georges Izambard (1848-1931), que se tornou um confidente postal do poeta.

[44] Uma crítica de Verlaine, sugerindo que esses naturalistas de 1883 negavam ou rejeitavam a grandeza e a eloquência da arte poética em favor de uma visão mais limitada e menos inspirada da literatura. Ele lamenta a perda dessas qualidades nobres e expansivas na escrita contemporânea, criticando a tendência de se concentrar em detalhes minuciosos e realistas à custa da beleza e da profundidade poética.

caricatural e tão cordial, e tão *bom*, e de um jato franco, sonoro, magistral, como

LES EFFARÉS
OS ESTARRECIDOS

Noirs dans la neige et dans la brume,
Negros na neve e na bruma,
Au grand soupirail qui s'allume,
Junto ao grande respiro que se ilumina,
Leurs culs en rond,
Seus traseiros em círculo,
A genoux les petits, — misère !
De joelhos, os pequenos, — miséria!
Regardent le boulanger faire
Observam o padeiro fazer
Le lourd pain blond.
O pesado pão loiro.

Ils voient le fort bras blanc qui tourne
Eles veem o forte braço branco que molda
La pâte grise et qui l'enfourne
A massa cinzenta e que a enforna
Dans un trou clair.
Num buraco claro.
Ils écoutent le bon pain cuire.
Escutam o bom pão assar.
Le boulanger au gros sourire
O padeiro de largo sorriso
Chante un vieil air.
Canta uma velha ária.

Ils sont blottis, pas un ne bouge,
Estão encolhidos, nenhum se move,
Au souffle du soupirail rouge
Ao sopro do respiro vermelho
Chaud comme un sein.
Quente como um seio.
Quand pour quelque médianoche,
Quando, para algum lanche de meia-noite,

Façonné comme une brioche
Formado como uma brioche,
On sort le pain,
O pão é retirado,

Quand sous les poutres enfumées
Quando, sob as vigas enfumaçadas,
Chantent les croûtes parfumées
Cantam as crostas perfumadas
Et les grillons,
E os grilos,
Que ce trou chaud souffle la vie,
Como esse buraco quente sopra a vida,
Ils ont leur âme si ravie
Têm sua alma tão embevecida
Sous leurs haillons,
Sob seus farrapos,

Ils se ressentent si bien vivre,
Eles se sentem tão bem vivendo,
Les pauvres Jésus pleins de givre,
Os pobres Jesus cobertos de geada,
Qu'ils sont là tous,
Que estão todos ali,
Collant leurs petits museaux roses
Colando seus pequenos focinhos róseos
Au treillage, grognant des choses
À treliça, grunhindo coisas
Entre les trous,
Por entre os furos,

Tout bêtes, faisant leurs prières
Tão bobos, fazendo suas preces
Et repliés vers ces lumières
E recurvados rumo a essas luzes
Du ciel rouvert,
Do céu reaberto,
Si fort qu'ils crèvent leur culotte
Tanto que estouram suas ceroulas
Et que leur chemise tremblote

E que suas camisas tremulam
Au vent d'hiver.
Ao vento de inverno.

O que vocês acham? Nós, encontrando em outra arte analogias que a originalidade deste "pequeno *cuadro*" nos impede de buscar entre todos os poetas possíveis, diríamos que é um Goya[45] pior e melhor. Goya e Murillo[46], se consultados, nos dariam razão, podem ter certeza.

Mais uma vez de Goya, *les Chercheuses de Poux*, desta vez um Goya luminoso e exasperado, branco sobre branco com *efeitos* em rosa e azul e esse toque singular até o fantástico. Mas sempre superior o poeta ao pintor, tanto pela alta emoção quanto pelo canto das boas rimas!

Sejam testemunhas.

LES CHERCHEUSES DE POUX
AS CATADORAS DE PIOLHOS

Quand le front de l'enfant, plein de rouges tourmentes,
Quando a fronte da criança, cheia de rubros tormentos,
Implore l'essaim blanc des rêves indistincts,
Implora pelo enxame branco dos sonhos indistintos,
Il vient près de son lit deux grandes soeurs charmantes
Aproximam-se de seu leito duas grandes irmãs encantadoras
Avec de frêles doigts aux ongles argentins.
Com frágeis dedos e unhas argentinas.

Elles assoient l'enfant devant une croisée
Elas sentam a criança diante de uma janela
Grande ouverte où l'air bleu baigne un fouillis de fleurs,
Bem aberta, onde o ar azul banha um emaranhado de flores,
Et dans ses lourds cheveux où tombe la rosée
E pelos seus pesados cabelos onde cai o orvalho
Promènent leurs doigts fins, terribles et charmeurs.
Passeiam seus dedos finos, terríveis e sedutores.

Il écoute chanter leurs haleines craintives

[45] Francisco José de Goya y Lucientes (1746-1828); pintor e gravador espanhol.
[46] Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682); pintor barroco espanhol.

Ele escuta o cantar de seus hálitos tímidos,
Qui fleurent de longs miels végétaux et rosés
Que florescem longos méis vegetais e rosados
Et qu'interrompt parfois un sifflement, salives
E que, às vezes, são interrompidos por um assobio, salivas
Reprises sur la lèvre ou désirs de baisers.
Contidas sobre os lábios ou beijos desejados.

Il entend leurs cils noirs battant sous les silences
Ele ouve seus cílios negros batendo sob os silêncios
Parfumés ; et leurs doigts électriques et doux
Perfumados; e seus dedos elétricos e macios
Font crépiter parmi ses grises indolences
Fazem crepitar entre suas cinzentas indolências,
Sous leurs ongles royaux la mort des petits poux.
Sob suas unhas reais, a morte dos piolhinhos.

Voilà que monte en lui le vin de la Paresse,
Eis que sobe nele o vinho da Preguiça,
Soupir d'harmonica qui pourrait délirer ;
Suspiro de harmônica que poderia delirar;
L'enfant se sent, selon la lenteur des caresses,
A criança sente, segundo a lentidão das carícias,
Sourdre et mourir sans cesse un désir de pleurer.
Surdir e morrer, sem cessar, um desejo de chorar.

Não há nada, nem mesmo a irregularidade da rima da última estrofe, nem a última frase, que permanece entre sua falta de conjunção e o ponto final, como suspensa e sobreposta, que não adicione em leveza de esboço, em tremor de execução ao charme frágil do trecho. E o belo movimento, o belo balanço lamartiniano[47], não é? nesses poucos versos que parecem se prolongar em sonho e música! Racineano[48] até, ousaríamos acrescentar, e por que não ir até essa confissão, virgiliano[49]?

[47] Referência a Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869); escritor, político e poeta do Romantismo francês.
[48] Referência a Jean Baptiste Racine (1639-1699); poeta trágico, dramaturgo, matemático e historiador francês.
[49] Referência a Públio Virgílio Maro (70-19 aC.); poeta romano clássico, autor de três obras clássicas da literatura latina: as Éclogas, as Geórgicas e a Eneida.

Muitos outros exemplos de graça requintadamente perversa ou casta nos tentam a arrebatá-los em êxtase, mas os limites normais deste segundo ensaio já longo nos impõem a regra de passar por alto tantos delicados milagres, e entraremos sem mais demora no império da Força esplêndida para o qual nos convida o mago com seu

BATEAU IVRE
BARCO ÉBRIO

Comme je descendais des Fleuves impassibles
Como eu descia Rios impassíveis,
Je ne me sentis plus guidé par les haleurs ;
Não me senti mais guiado pelos condutores;
Des Peaux-rouges criards les avaient pris pour cibles,
Peles-vermelhas gritantes os tinham tomado como alvos,
Les ayant cloués nus aux poteaux de couleurs.
Os tendo pregados nus aos postes coloridos.

J'étais insoucieux de tous les équipages,
Fiquei despreocupado de todas as equipagens,
Porteurs de blés flamands ou de cotons anglais.
Carregadores de trigos flamengos ou algodões ingleses.
Quand avec mes haleurs ont fini ces tapages
Quando, com meus condutores, findaram esses alardes,
Les Fleuves m'ont laissé descendre où je voulais.
Os Rios me deixaram descer onde eu quisesse.

Dans les clapotements furieux des marées,
Nos marulhos furiosos das marés,
Moi, l'autre hiver, plus sourd que les cerveaux d'enfants,
Eu, noutro inverno, mais surdo que os cérebros de infantes,
Je courus ! Et les Péninsules démarrées
Corri! E as Penínsulas arrancadas
N'ont pas subi tohu-bohus plus triomphants.
Não sofreram tohu-bohus mais triunfantes.

La tempête a béni mes éveils maritimes.
A tempestade abençoou meus despertares marítimos.
Plus léger qu'un bouchon j'ai dansé sur les flots
Mais leve que uma rolha, dancei sobre as ondas

Qu'on appelle rouleurs éternels de victimes,
Que são chamadas de eternas enroladoras de vítimas,
Dix nuits, sans regretter l'œil niais des falots.
Dez noites, sem lamentar o olhar néscio dos lampiões.

Plus douce qu'aux enfants la chair des pommes sures
Mais doce que aos infantes a polpa das maçãs acerbas,
L'eau verte pénétra ma coque de sapin
A água verde penetrou meu casco de abeto
Et des taches de vins bleus et des vomissures
E, das manchas de vinhos azuis e das vomições,
Me lava, dispersant gouvernail et grappin.
Me lavou, dispersando leme e fateixa.

Et dès lors je me suis baigné dans le poème
E desde então, me banhei no poema
De la Mer, infusé d'astres et latescent,
Do Mar, infuso de astros e latescente,
Dévorant les azurs verts où, flottaison blême
Devorando os azuis verdejantes onde, em flotação macilenta
Et ravie, un noyé pensif parfois descend,
E enlevada, um afogado pensativo às vezes desce,

Où, teignant tout à coup les bleuités, délires
Onde, de súbito, tingindo os azulados, delírios
Et rythmes lents sous les rutilements du jour,
E ritmos lentos sob as rutilâncias do dia,
Plus fortes que l'alcool, plus vastes que vos lyres,
Mais fortes que o álcool, mais vastas que vossas liras,
Fermentent les rousseurs amères de l'amour.
Fermentam as rubescências amargas do amor.

Je sais les cieux crevant en éclairs, et les trombes,
Sei dos céus rompendo em relâmpagos, e das trombas d'água,
Et les ressacs, et les courants, je sais le soir,
E das rebentações, e das correntes, sei do entardecer,
L'aube exaltée ainsi qu'un peuple de colombes,
Da aurora exaltada como uma turba de pombos,
Et j'ai vu quelquefois ce que l'homme a cru voir.
E vi, às vezes, o que o homem acreditou ver.

J’ai vu le soleil bas taché d’horreurs mystiques
Vi o sol baixo, manchado de horrores místicos,
Illuminant de longs figements violets,
Iluminando de longos congelamentos violetas,
Pareils à des acteurs de drames très antiques,
Semelhantes a atores de dramas muito antigos,
Les flots roulant au loin leurs frissons de volets ;
As ondas rolando ao longe seus arrepios de persianas;

J’ai rêvé la nuit verte aux neiges éblouies,
Sonhei a noite verde às neves ofuscadas,
Baisers montant aux yeux des mers avec lenteur,
Beijos subindo aos olhos dos mares com lentidão,
La circulation des sèves inouïes
A circulação das seivas inauditas
Et l’éveil jaune et bleu des phosphores chanteurs.
E o despertar amarelo e azul dos fosfóreos cantores.

J’ai suivi des mois pleins, pareille aux vacheries
Segui, por meses inteiros, como as manadas
Hystériques, la houle à l’assaut des récifs,
Histéricas, o vagalhão em assalto aos recifes,
Sans songer que les pieds lumineux des Maries
Sem pensar que os pés luminosos das Marias
Pussent forcer le mufle des Océans poussifs ;
Pudessem forçar o focinho dos Oceanos esbaforidos;

J’ai heurté, savez-vous ? d’incroyables Florides,
Colidi, sabiam? com inacreditáveis Flóridas,
Mêlant aux fleurs des yeux de panthères, aux peaux
Misturando às flores dos olhos de panteras, às peles
D’hommes, des arcs-en-ciel tendus comme des brides,
De homens, dos arco-íris estendidos como rédeas,
Sous l’horizon des mers, à de glauques troupeaux;
Sob o horizonte dos mares, a glaucos rebanhos;

J’ai vu fermenter les marais énormes, nasses
Vi fermentar os pântanos enormes, nassas
Où pourrit dans les joncs tout un Léviathan,

Onde apodrece, nos juncos, todo um Leviatã,
Des écroulements d'eaux au milieu des bonaces
Desmoronamentos de águas em meio às bonanças
Et les lointains vers les gouffres cataractant !
E os confins rumo às voragens cataratando!

Glaciers, soleils d'argent, flots nacreux, cieux de braises,
Glaciares, sóis de prata, ondas nacaradas, céus de brasas,
Échouages hideux au fond des golfes bruns
Encalhes hediondos no fundo dos golfos escuros,
Où les serpents géants dévorés des punaises
Onde as serpentes gigantes, devoradas por percevejos,
Choient des arbres tordus avec de noirs parfums.
Caem das árvores retorcidas com negros perfumes.

J'aurais voulu montrer aux enfants ces dorades
Queria eu ter mostrado às crianças esses dourados
Du flot bleu, ces poissons d'or, ces poissons chantants.
Da onda azul, esses peixes de ouro, esses peixes cantantes.
Des écumes de fleurs ont béni mes dérades
Espumas de flores abençoaram minhas derivas
Et d'ineffables vents m'ont ailé par instants.
E inefáveis ventos me alaram por instantes.

Parfois, martyr lassé des pôles et des zones,
Às vezes, mártir farto dos polos e das zonas,
La mer dont le sanglot faisait mon roulis doux
O mar, cujo soluço fazia meu balanço ameno,
Montait vers moi ses fleurs d'ombre aux ventouses jaunes
Subia até mim suas flores sombrias de ventosas amarelas,
Et je restais ainsi qu'une femme à genoux,
E eu permanecia como uma mulher de joelhos,

Presqu'île ballottant sur mes bords les querelles
Quase-ilha baloiçando sobre minhas bordas as querelas
Et les fientes d'oiseaux clabaudeurs aux yeux blonds.
E as fezes de pássaros fofoqueiros de olhos loiros.
Et je voguais lorsqu'à travers mes liens frêles
E eu vogava quando, através dos meus elos débeis,
Des noyés descendaient dormir à reculons.

Afogados desciam para dormir às arrecuas.

Or moi, bateau perdu sous les cheveux des anses,
Ora eu, barco perdido sob os cabelos das enseadas,
Jeté par l'ouragan dans l'éther sans oiseau,
Lançado pelo furacão ao éter sem pássaros,
Moi dont les Monitors et les voiliers des Hanses
Eu, de quem os Monitores[50] e os veleiros das Hansas[51]
N'auraient pas repêché la carcasse ivre d'eau,
Não teriam resgatado a carcaça ébria de água,

Libre, fumant, monté de brumes violettes,
Livre, fumegando, subido de brumas violetas,
Moi qui trouais le ciel rougeoyant comme un mur
Eu que perfurava o céu rubente como um muro
Qui porte, confiture exquise aux bons poètes,
Que carrega, compota requintada aos bons poetas,
Des lichens de soleil et des morves d'azur,
Líquenes de sol e ranhos de azul,

Qui courais taché de lunules électriques,
Que corria manchado de lúnulas elétricas,
Planche folle, escorté des hippocampes noirs,
Prancha louca, escoltado por cavalos-marinhos negros,
Quand les Juillets faisaient crouler à coups de triques
Quando os Julhos faziam ruir com golpes de porretes
Les cieux ultramarins aux ardents entonnoirs,
Os céus ultramarinos nos funis ardentes,

Moi qui tremblais, sentant geindre à cinquante lieues
Eu, que tremia, sentindo gemer a cinquenta léguas
Le rut des Béhémots et les Maelstroms épais,

[50] Navios de guerra famosos.
[51] No período da Idade Média, em alguns países europeus, associação constituída por mercadores com metas comerciais, também conhecida como Liga Hanseática.

O cio dos Behemoths[52] *e os Maelstroms*[53] *espessos,*
Fileur éternel des immobilités bleues,
Tecelão eterno das imobilidades azuis,
Je regrette l'Europe aux anciens parapets.
Lamento a Europa com seus antigos parapeitos.

J'ai vu des archipels sidéraux ! Et des îles
Vi arquipélagos siderais! E ilhas
Dont les cieux délirants sont ouverts au vogueur :
Cujos céus delirantes estão abertos ao navegador:
— Est-ce en ces nuits sans fond que tu dors et t'exiles,
— Será nessas noites sem fundo que tu dormes e te exilas,
Million d'oiseaux d'or, ô future Vigueur ?
Milhões de pássaros de ouro, ó futuro Vigor?

Mais, vrai, j'ai trop pleuré ! Les aubes sont navrantes,
Mas, verdade, já chorei demais! As auroras são desolantes,
Toute lune est atroce et tout soleil amer.
Toda lua é atroz e todo sol amargo.
L'âcre amour m'a gonflé de torpeurs enivrantes.
O acre amor me encheu de torpores inebriantes.
O que ma quille éclate ! O que j'aille à la mer !
Oh, que minha quilha irrompa! Oh, que eu vá ao mar!

Si je désire une eau d'Europe, c'est la flache
Se desejo uma água de Europa, é o charco
Noire et froide où, vers le crépuscule embaumé,
Negro e frio onde, rumo ao crepúsculo embalsamado,
Un enfant accroupi, plein de tristesse, lâche
Uma criança agachada, cheia de tristeza, larga
Un bateau frêle comme un papillon de mai.
Um barco frágil como uma borboleta de maio.

Je ne puis plus, baigné de vos langueurs, ô lames,

---

[52] Behemoth – Criatura mencionada na Bíblia, particularmente no Livro de Jó, descrita como um ser colossal e poderoso, simbolizando força e grandeza. Ao longo do tempo, o termo passou a ser usado para se referir a qualquer entidade gigantesca ou dominante, seja um animal, uma máquina ou uma organização.

[53] Maelstrom – Termo que designa um turbilhão ou redemoinho poderoso, frequentemente associado a caos e destruição. Pode ser usado figurativamente para representar situações de confusão extrema ou eventos turbulentos.

Não posso mais, banhado em vossos langores, ó ondas,
Enlever leur sillage aux porteurs de cotons,
Arrebatar seu rastro dos cargueiros de algodões,
Ni traverser l'orgueil des drapeaux et des flammes,
Nem atravessar o orgulho das bandeiras e das chamas,
Ni nager sous les yeux horribles des pontons !
Nem nadar sob os olhos horríveis dos pontões!

Agora, qual opinião formular sobre *les Premières Communions*[54], poema longo demais para ser incluído aqui, especialmente após nosso excesso de citações, e cujo espírito nós detestamos profundamente, pois nos parece derivar de um encontro infeliz com o Michelet[55] senil e ímpio, o Michelet debaixo dos panos sujos das mulheres e por trás de Parny[56] (o outro Michelet, ninguém o adora mais do que nós), sim, que opinião emitir sobre essa peça colossal, senão que amamos sua profunda estrutura e todos os versos sem exceção? Existem nela alguns assim:

Adonaï ! Dans les terminaisons latines
Adonai! Nas terminações latinas
Des cieux moirés de vert baignent les Fronts vermeils
Céus matizados de verde banham as Testas arrebóis
Et, tachés du sang pur des célestes poitrines,
E, manchados pelo sangue puro das celestes petrinas,
De grands linges neigeux tombent sur les soleils.
Grandes lenços nevados caem sobre os sóis.

Paris se repeuple[57], escrito no dia seguinte à "Semana Sangrenta[58]", fervilha de belezas.

…

[54] *(As Primeiras Comunhões)* Poema extenso de Rimbaud, escrito em 1871 e publicado postumamente. Irônico e visionário, critica a religião e aborda a sexualidade feminina com linguagem provocadora.
[55] Jules Michelet (1798-1874); filósofo e historiador francês.
[56] Évariste Desiré de Forges (1753-1814); visconde de Parny, poeta francês.
[57] *(Paris se repovoa)* Poema de Rimbaud composto em maio de 1871, marcado por imagens intensas e um tom profético. Retrata a reconstrução da cidade após a Comuna de Paris, com crítica mordaz à ordem burguesa e à repressão que se seguiu.
[58] A "semaine sanglante" ocorreu entre os dias 21 e 28 de maio de 1871, como resultado de uma guerra civil que já durava dois meses, na qual o Exército Francês assassinou milhares de civis e militantes da Comuna de Paris que reivindicavam direitos políticos e sociais.

Cachez les palais morts dans des niches de planches ;
Escondam os palácios mortos em nichos de tábuas;
L'ancien jour effaré rafraîchit vos regards ;
O antigo dia, estarrecido, refrescou vossos olhares;
Voici le troupeau roux des tordeuses de hanches !
Eis o rebanho ruivo das torcedoras de quadris!

…

Quand tes pieds ont dansé si fort dans les colères,
Quando teus pés dançaram com tanta força nas cóleras,
Paris ! quand tu reçus tant de coups de couteau,
Paris! quando recebeste tantos golpes de faca,
Quand tu gîs, retenant dans tes prunelles claires
Quando jazes, retendo em tuas pupilas claras
Un peu de la bonté du fauve renouveau.
Um pouco da bondade da ferina renovação.

…

Nessa linha de pensamento, os *Vigilantes*, poema que não está mais, infelizmente! em nossa posse, e que nossa memória não consegue reconstituir, nos deixou a impressão mais forte que jamais um verso nos causou. É de uma vibração, de uma amplidão, de uma tristeza sagrada! E de um tal acento de sublime desolação, que na verdade ousamos acreditar que foi o que Arthur Rimbaud escreveu de mais belo, de longe!

Muitas outras peças de primeira ordem assim nos passaram pelas mãos, que um acaso malévolo e o turbilhão de viagens um tanto quanto acidentadas nos fizeram perder. Assim, pedimos aqui a todos os nossos amigos conhecidos ou desconhecidos que possuam *les Veilleurs*[59], *Accroupissements*[60], *les Pauvres à l'église*[61], *les*

[59] *(Os Vigilantes)* Título mencionado por Verlaine como poema de Rimbaud, considerado perdido. Não há registro conhecido do texto.
[60] *(Agachamentos)* Poema atribuído a Rimbaud, recuperado por Darzens. Satírico e provocador, foi publicado postumamente.
[61] *(Os Pobres na Igreja)* Poema crítico e social de Rimbaud, escrito em 1870. Denuncia a miséria e a hipocrisia religiosa.

Réveilleurs de la nuit[62], *Douaniers*[63], *Les mains de Jeanne-Marie*[64], *Soeur de charité*[65] e todas as coisas assinadas com o nome prestigioso, que por favor nos enviem para o caso provável de que o presente trabalho precise ser complementado. Em nome da honra das Letras, reiteramos nosso pedido a eles. Os manuscritos serão religiosamente devolvidos, assim que a cópia for feita, aos seus generosos proprietários.

É hora de pensar em terminar isto, que tomou tais proporções por estas excelentes razões:

O nome e o trabalho de Corbière, assim como os de Mallarmé, estão assegurados para a posteridade; uns ressoarão nos lábios dos homens, outros em todas as memórias dignas deles. Corbière e Mallarmé *imprimiram*, — essa pequena coisa imensa. Rimbaud, demasiado desdenhoso, ainda mais desdenhoso do que Corbière, que pelo menos jogou seu volume na cara do século, não quis fazer aparecer nada em termos de versos.

Uma única peça, aliás, senão renegada ou desautorizada por ele, foi inserida *sem o seu conhecimento*, e isso foi bem feito, no primeiro ano da *Renaissance*[66], por volta de 1873. Chamava-se *les Corbeaux*[67]. Os curiosos poderão se deliciar com essa coisa patriótica, mas patriótica de fato, e que apreciamos muito, quanto a nós, mas isso ainda não é tudo. Estamos orgulhosos de oferecer aos nossos contemporâneos inteligentes uma boa parte desse rico bolo, do Rimbaud!

Se tivéssemos consultado Rimbaud (cujo endereço ignoramos, tão vago e imenso que é[68]), ele provavelmente nos teria desaconselhado a empreender este trabalho no que diz respeito a ele.

Assim, amaldiçoado por si mesmo, este Poeta Maldito! Mas a amizade e a devoção literárias que sempre lhe dedicaremos nos ditaram essas linhas, nos tornaram indiscretos. Paciência para ele!

---

[62] *(Os Despertadores da Noite)* Título citado por Verlaine como obra de Rimbaud, mas sem texto conhecido. Considerado perdido.

[63] *(Alfandegários)* Poema de Rimbaud sobre soldados da fronteira, publicado postumamente. Irônico e político.

[64] *(As Mãos de Jeanne-Marie)* Poema manuscrito de Rimbaud, redescoberto em 1919. Mistura sensualidade e revolta social.

[65] *(Irmã de Caridade)* Título mencionado por Verlaine como obra de Rimbaud. O poema foi recuperado e publicado posteriormente.

[66] A *Renaissance littéraire et artistique* foi um revista fundada pelo poeta e dramaturgo francês, Émile Blémont (1839-1927), e pelo poeta, romancista e também dramaturgo francês, Jean Aicard (1848-1921), em 1872, tendo sido publicada somente até 1874.

[67] *(Os Corvos)* Poema legítimo de Rimbaud, escrito em 1871 e publicado postumamente. Embora repudiado pelo autor, é hoje reconhecido como parte de sua obra canônica.

[68] Em 1888, Rimbaud estava vivendo na Etiópia, na cidade de Harar Jugol, trabalhando como mercador.

Melhor, não é? para você. Nada será perdido do tesouro esquecido por este mais do que negligente possuidor, e se é um crime que cometemos, *felix culpa*[69], então!

Depois de alguma estadia em Paris, seguidas de diversas peregrinações mais ou menos assustadoras, Rimbaud mudou de rumo e trabalhou (ele!) no ingênuo, no muito e no expressamente simples, usando apenas assonâncias, palavras vagas, frases infantis ou populares. Ele realizou assim prodígios de delicadeza, de verdadeira nebulosidade, de charme quase imperceptível por ser tão fino e frágil.

Elle est retrouvée !
Ela foi encontrada !
Quoi ? l'éternité.
O quê? A eternidade.
C'est la mer allée
É o mar fluido
Avec les soleils.[70]
Com os sóis.

…

Mas o poeta desaparecia. — Estamos falando do poeta *correto* no sentido um pouco especial da palavra.

Seguiu-se um prosador surpreendente. Um manuscrito cujo título nos escapa e que continha estranhas místicas e as percepções psicológicas mais agudas caiu em mãos que o extraviaram sem saber bem o que faziam.

Une Saison en Enfer[71], publicada em Bruxelas, em 1873, pela Poot & Cie, 37, rua Aux Choux, caiu completamente no

[69] Frase latina que, na tradição católica, pode ser traduzida como "culpa feliz", "queda abençoada" ou "queda de sorte".
[70] Primeira estrofe de um poema de Rimbaud, intitulado *L'Éternité*.
[71] *(Uma Temporada no Inferno)* No Brasil, a obra foi traduzida por Paulo Hecker Filho e publicada pela editora L & PM, em 1997, porém existem outras traduções e edições.

esquecimento, sem o autor tê-la "lançado" *de fato*[72]. Ele tinha outras coisas a fazer.

Ele percorreu todos os Continentes, todos os Oceanos, pobremente, orgulhosamente (rico, aliás, se ele quisesse, de família e posição) após ter escrito, ainda em prosa, uma série de fragmentos magníficos, *les Illuminations*[73], para sempre perdidas, tememos muito[74].

Ele dizia em sua *Temporada no Inferno:* "Meu dia está feito. Eu deixo a Europa. O ar marinho queimará meus pulmões, os climas perdidos me endurecerão."

Tudo isso é muito bom e o homem cumpriu sua palavra. O homem em Rimbaud é livre, isso é muito claro e nós lhe concedemos isso desde o início, com uma reserva bem legítima que vamos acentuar para concluir. Mas não tivemos razão, nós, apaixonados pelo poeta, de pegá-lo, essa águia, e mantê-lo nesta gaiola, sob este rótulo, e não poderíamos também e adicionalmente (se a Literatura tivesse que sofrer tal perda) clamar com Corbière, seu irmão mais velho, não seu grande irmão, ironicamente? Não. Melancolicamente? Oh, sim! Furiosamente? Ah, aí que sim!

Elle est éteinte
Está extinto
Cette huile sainte…
Esse óleo santo…
Il est éteint
Está extinto[75]

[72] Após um período caótico fora de casa, em julho de 1873, Rimbaud voltou à fazenda de sua família, a fim de isolar-se e escrever os primeiros rascunhos do que viria a ser uma de suas obras mais conhecidas, descrevendo poeticamente, em prosa, muito do que ele havia passado até ali. *Une Saison en Enfer* foi a única obra em que Rimbaud registrou sua autoria e pela qual pagou a publicação, ficando a distribuição a seu cargo, o que ele não fez, e que resultou na estocagem de 500 exemplares estacionados em Bruxelas, durante alguns anos. Rimbaud deu de presente apenas sete cópias a amigos próximos, Verlaine ganhou a sua autografada, Rimbaud queimou o restante do pequeno lote delas que lhe fora enviado em casa, mediante o aviso da editora de que não as distribuiria. Uma reedição deste trabalho foi publicada em 1880, sem a autorização do autor, pela editora "La Vogue".

[73] Para essa obra, existem duas traduções em português que estão disponíveis na Internet, como *Iluminuras* (1996), de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça, e *Iluminações* (2012), de Janer Cristaldo.

[74] As *Iluminações* foram encontradas e publicadas em 1883, assim como muitos poemas. Uma edição das obras completas do poeta foi terminada em 1895 (Vanier.) (Nota do editor da obra.)

[75] Arthur Rimbaud morreu em 10 de novembro de 1891, aos 37 anos, no hospital de Marselha, após meses de sofrimento causados por um câncer ósseo agressivo. Sua perna foi amputada, mas o tumor se espalhou rapidamente. O poeta que havia abandonado a literatura aos 20 anos para viver como comerciante e aventureiro na África faleceu praticamente esquecido pela sociedade literária. Foi enterrado em Charleville, sua cidade natal, onde repousa no túmulo da família — longe dos desertos que tanto percorreu e dos versos que transformaram a poesia moderna.

Le sacristain[76] **!…**[77]

O sacristão!…

⁂

[76] Alguns jovens, com um intuito que parece-lhes inofensivo, de vez em quando publicam versos sob a assinatura de Arthur Rimbaud. É bom saber que os únicos versos autênticos de Rimbaud são, com os citados acima, *Primeiras Comunhões,* publicadas em uma revista já morta. Nossa velha amizade nos impõe o dever imperioso de escrever esta nota. (Nota do autor).

[77] Terceira estrofe do poema *Grand opéra*, de Tristan Corbière.

III

STÉPHANE MALLARMÉ

Em um livro que não será publicado, escrevemos recentemente, sobre a *Parnasse Contemporain*[78] e seus principais redatores: "Outro poeta[79], e não o menos importante entre eles, estava ligado a esse grupo."

"Ele vivia então no interior, trabalhando como professor de inglês, mas correspondia frequentemente com Paris[80]. Ele forneceu ao Parnaso versos de uma novidade que causou escândalo nos jornais. Preocupado, sem dúvida! com a beleza, ele considerava a clareza uma graça secundária e, desde que seu verso fosse numeroso, musical, raro e, quando necessário, lânguido ou excessivo, ele desconsiderava tudo para agradar aos delicados, dos quais ele era o mais exigente.

---

[78] *(Parnaso Contemporâneo)* Uma coleção de poesias divididas em três volumes: o primeiro saiu em 1866, o segundo em 1871, e o último em 1876, pela editora de Alphonse Lemerre (1838- 1912). Outros poetas franceses contribuíram com a obra, tais como: Leconte de Lisle (1818-1894), Théodore de Banville (1823-1891), Charles Baudelaire (1821-1867), Anatole France (1844-1924), Villiers de l'Isle Adam e o próprio Verlaine, entre outros. Essa antologia veio a inspirar o movimento parnasianista.

[79] Étienne Mallarmé nasceu em Paris, no dia 18 de março de 1842, em uma família burguesa, filho de Numa Mallarmé (1805-1863), um curador hipotecário, e de Elisabeth Desmolins (1819-1847). Na adolescência, na condição de estudante interno, pouco antes da morte de sua única irmã, Maria (1844-1857), Mallarmé deu seus primeiros passos na poesia.

[80] Em 1862, já sob forte influência de poetas e escritores como Victor Hugo, Charles Baudelaire, Théodore de Banville e Théophile Gautier, Mallarmé teve alguns de seus poemas mencionados em resenhas, sendo, esse, o período em que ele conhecera Maria Christina Gerhard (1835-1910), uma governanta alemã atuante em Sens. Em 1863, o casal mudou-se para Londres, onde Mallarmé logrou obter seu certificado de professor de língua inglesa.

Também, como ele foi mal recebido pela crítica, esse puro poeta que permanecerá enquanto houver uma língua francesa para testemunhar seu esforço gigantesco! Como se zombou de sua "extravagância um pouco intencional", assim como se expressava "um pouco" indolentemente um mestre cansado que talvez o tivesse defendido melhor no tempo em que ele era o leão, tanto bem denteado quanto violentamente cabeludo, do romantismo! Nas folhas agradáveis, "no seio" das Revistas sérias, em quase todos os lugares, tornou-se moda rir, lembrar ao idioma o escritor consumado, ao sentimento do belo o artista seguro. Entre os mais influentes, alguns tolos chamaram o homem de louco! Ainda um sintoma honroso, escritores dignos do nome fizeram a concessão de se envolver com essa publicidade incompetente; viu-se "ficarem estupefatos" pessoas de espírito e gosto orgulhosas, mestres da justa audácia e do grande bom senso, M. Barbey d'Aurevilly[81], infelizmente! Irritado com a Im-pas-si-bi-li-da-de puramente teórica dos Parnassianos (era necessário ter O lema em face do Desleixado a combater), esse romancista maravilhoso, esse polemista único, esse ensaísta genial, o primeiro sem contestação entre nossos prosadores reconhecidos, publicou contra a Parnasse, no *Nain Jaune*[82], uma série de artigos onde o espírito mais enfurecido só cedia à crueldade mais requintada; o "medalhãozinho" dedicado a Mallarmé foi particularmente bonito, mas de uma injustiça que nos revoltou a todos mais do que qualquer ferida pessoal[83]. O que importaram, aliás, e o que ainda importam essas injustiças da opinião a Stéphane Mallarmé e àqueles que o amam como se deve amar (ou odiar) — imensamente!" (*Voyage en France par un Français : Le Parnasse contemporain.*)[84]

Nada a mudar dessa apreciação de apenas seis anos atrás, aliás, e que poderia ser datada do dia em que lemos pela primeira vez os versos de Mallarmé.

Desde então, o poeta conseguiu aprimorar seu estilo, fazer mais do que queria – ele continuou o mesmo, não estacionário, meu Deus! mas

---

[81] Jules-Amédée Barbey d'Aurevilly (1808-1889); romancista e contista francês.

[82] O *Nain Jaune (Anão Amarelo)*, a princípio, foi um jornal satírico de Artes, Ciências e Literatura, editado e publicado, de 1814 a 1815, por escritores que eram opositores aos partidários do Antigo Regime francês, apoiando Napoleão Bonaparte em sua ascensão ao império da França. Muitos anos depois, de 1863 a 1876, o *Nain Jaune* passou por uma nova formatação e pela direção de vários colaboradores, tornando-se um jornal mais literário do que político, onde Barbey d'Aurevilly teceu críticas literárias a escritores consagrados, tais como Victor Hugo e Émile Zola (1840-1902).

[83] Referência a duas publicações críticas dirigidas a Mallarmé, por Barbey d'Aurevilly, em *Os Quarenta Medalhões da Academia* (1864) e em *Os Trinta e Sete Medalhões do Parnaso Contemporâneo* (1866).

[84] Obra polêmica que aborda várias ideias relacionadas à língua francesa e ao conceito de nação virtuosa, redigida em 1880, mas só publicada postumamente.

mais brilhante com a luz graduada da aurora ao meio-dia e à tarde, de forma natural.

É por isso que queremos, evitando cansar mais o nosso pequeno público com a nossa prosa, apresentar-lhes um soneto e uma terza rima antigos e desconhecidos, acreditamos nós, que os conquistarão de imediato para o nosso querido poeta e amigo, no início de seu talento, experimentando todos os tons de um instrumento incomparável.

PLACET[85]
PETIÇÃO

J'ai longtemps rêvé d'être, ô Duchesse, l'Hébé
Sonhei por muito tempo em ser, ó Duquesa, a Hebe[86]
Qui rit sur votre tasse au baiser de tes lèvres.
Que sorri sobre sua taça ao toque dos teus lábios.
Mais je suis un poète, un peu moins qu'un abbé,
Mas sou um poeta, um pouco menos que um abade,
Et n'ai point jusqu'ici figuré sur le Sèvres.
E até agora não figurei sobre o Sèvres[87].

Puisque je ne suis pas ton bichon embarbé,
Já que não sou o teu bichon[88] *barbado,*
Ni tes bonbons, ni ton carmin, ni les jeux mièvres,
Nem teus doces, nem teu carmim, nem os jogos melosos,
Et que sur moi pourtant ton regard est tombé,
E que, no entanto, sobre mim teu olhar pousou,
Blonde dont les coiffeurs divins sont des orfèvres,
Loira, cujos cabeleireiros divinos são ourives,

Nommez-nous… vous de qui les souris framboisés
Nomeie-nos… você, de quem os sorrisos de framboesa

---

[85] *Placet Futile* é o título deste poema na versão publicada por Mallarmé.
[86] Na mitologia grega, Hebe é a deusa da juventude e da vitalidade, filha de Zeus e Hera. Ela era responsável por servir o néctar e a ambrosia aos deuses do Olimpo, garantindo sua imortalidade. Em algumas versões do mito, Hebe também era associada ao casamento e à restauração da juventude. Mais tarde, casou-se com Hércules após sua apoteose. Seu nome tornou-se símbolo de renovação e frescor, sendo usado em diversas referências poéticas e artísticas ao longo da história.
[87] Renomada manufatura de porcelana francesa conhecida por sua produção de peças finas e elegantes desde o século XVIII, localizada na cidade de Sèvres.
[88] Raça de cão de pequeno porte, originária da França, caracterizada pela pelagem branca e encaracolada, frequentemente associada à elegância e ao refinamento.

Sont un troupeau poudré d'agneaux apprivoisés
São um rebanho empoado de cordeiros domesticados
Qui vont broutant les coeurs et bêlant aux délires,
Que vão pastando os corações e balindo aos delírios,

Nommez-nous… et Boucher sur un rose éventail
Nomeie-nos… e Boucher[89] *sobre um leque rosa*
Me peindra flûte aux mains endormant ce bercail,
Me pintará flauta nas mãos adormecendo este redil,
Duchesse, nommez-moi berger de vos sourires.
Duquesa, nomeie-me pastor de seus sorrisos.

Hein, a flor de estufa inestimável! Colhida, e de que bela maneira! Pela mão tão forte do mestre artífice que forjava

LE GUIGNON[90]
O AZIAGO[91]

Au-dessus du bétail écœurant des humains
Acima do gado nauseante dos humanos
Bondissaient par instants les sauvages crinières
Saltavam, por instantes, as crinas selvagens
Des mendieurs d'azur perdus dans nos chemins.
Dos mendigos de azul, perdidos em nossos caminhos.

Un vent mêlé de cendre effarait leurs bannières
Um vento misturado às cinzas estarrecia suas auriflamas
Où passe le divin gonflement de la mer
Onde passa o divino inchaço do mar
Et creusait autour d'eux de sanglantes ornières.
E cavava ao redor deles sulcos sangrentos.

La tête dans l'orage ils défiaient l'Enfer,
Com a cabeça na tempestade, eles desafiavam o Inferno,
Ils voyageaient sans pain, sans bâtons et sans urnes,
Viajavam sem pão, sem bastões e sem urnas,

[89] François Boucher (1703-1770); pintor francês, representante do estilo Rococó.
[90] Como *Placet Futile*, esta terza rima tem duas versões: a que foi publicada por Mallarmé e a de *Les Poètes Maudits*, ambas com o mesmo título. Esta é uma tradução da versão deste livro.
[91] Termo de origem italiana que significa *funesto*, *de mau agouro* ou *azarado*. É frequentemente usado para descrever algo que traz desgraça ou que está envolto em presságios negativos.

Mordant au citron d'or de l'Idéal amer.
Mordendo o limão de ouro do Ideal amargo.

La plupart ont râlé dans des ravins nocturnes,
A maioria gemeu em ravinas noturnas
S'enivrant du plaisir de voir couler son sang.
Embriagando-se do prazer de ver correr seu sangue.
La mort fut un baiser sur ces fronts taciturnes.
A morte foi um beijo sobre essas frontes taciturnas.

S'ils sont vaincus, c'est par un ange très puissant
Se eles são vencidos, é por um anjo muito poderoso
Qui rougit l'horizon des éclairs de son glaive.
Que avermelha o horizonte com os relâmpagos de seu gládio.
L'orgueil fait éclater leur cœur reconnaissant.
O orgulho faz explodir seu coração agradecido.

Ils tètent la Douleur comme ils tétaient le Rêve
Eles sugam a Dor como sugavam o Sonho
Et quand ils vont rythmant leurs pleurs voluptueux
E quando vão ritmando seus prantos voluptuosos
Le peuple s'agenouille et leur mère se lève.
O povo se ajoelha, e sua mãe se ergue.

Ceux-là sont consolés étant majestueux.
Esses são consolados sendo majestosos.
Mais ils ont sous les pieds des frères qu'on bafoue,
Mas têm sob os pés irmãos que se despreza,
Dérisoires martyrs d'un hasard tortueux.
Irrisórios mártires de um acaso tortuoso.

Des pleurs aussi salés rongent leur pâle joue,
Lágrimas igualmente salgadas corroem sua pálida face,
Ils mangent de la cendre avec le même amour ;
Eles comem cinzas com o mesmo amor;
Mais vulgaire ou burlesque est le sort qui les roue.
Mas vulgar ou burlesco é o destino que os açoita.

Ils pouvaient faire aussi sonner comme un tambour
Eles também podiam fazer ressoar como um tambor

La servile pitié des races à l'œil terne,
A piedade servil das raças de olhar apagado,
Égaux de Prométhée à qui manque un vautour !
Iguais a Prometeu, a quem falta um abutre!

Non. Vieux et fréquentant les déserts sans citerne,
Não. Velhos e frequentando os desertos sem cisternas,
Ils marchent sous le fouet d'un squelette rageur,
Eles marcham sob o chicote de um esqueleto enfurecedor,
Le GUIGNON, dont le rire édenté les prosterne.
O AZIAGO, cujo riso desdentado os prostra.

S'ils vont, il grimpe en croupe et se fait voyageur,
Se eles vão, ele sobe na garupa e se faz viajante,
Puis, le torrent franchi, les plonge en une mare
Então, transposta a torrente, os afunda em um charco
Et fait un fou crotté du superbe nageur.
E faz do nadador soberbo um louco enlameado.

Grâce à lui, si l'un chante en son buccin bizarre,
Graças a ele, se um cantar em sua bucina[92] *bizarra,*
Des enfants nous tordront en un rire obstiné,
Crianças nos torcerão em um riso obstinado,
Qui, soufflant dans leurs mains, singeront sa fanfare.
Que, soprando em suas mãos, arremedarão sua fanfarra.

Grâce à lui, s'ils s'en vont tenter un sein fané
Graças a ele, se eles forem tentar um seio murchado
Avec des fleurs par qui l'impureté s'allume,
Com flores pelas quais a impureza se acende,
Des limaces naîtront sur leur bouquet damné.
Lesmas nascerão sobre seu buquê amaldiçoado.

Et ce squelette nain coiffé d'un feutre à plume
E esse mini esqueleto, com um chapéu de feltro com pluma
Et botté, dont l'aisselle a pour poils de longs vers,
E de botas, cuja axila tem como pelos longos vermes,
Est pour eux l'infini de l'humaine amertume.

---

[92] Um termo histórico que designava instrumentos de sopro usados para sinais militares ou cerimônias.

É para eles o infinito da humana amargura.

Et si, rossés, ils ont provoqué le pervers,
E se, espancados, eles provocaram o perverso,
Leur rapière en grinçant suit le rayon de lune
Sua rapieira[93]*, rangendo, segue o raio de lua*
Qui neige en sa carcasse et qui passe au travers.
Que neva em sua carcaça e que passa através dela.

Malheureux sans l'orgueil d'une austère infortune,
Infelizes, sem o orgulho de um austero infortúnio,
Dédaigneux de venger leurs os de coups de bec,
Desdenhosos de vingar seus ossos de bicadas,
Ils convoitent la haine et n'ont que la rancune.
Eles cobiçam o ódio e só têm rancor.

Ils sont l'amusement des racleurs de rebec,
Eles são a diversão dos arranhadores de rabeca,
Des femmes, des enfants et de la vieille engeance
Das mulheres, das crianças e da velha laia
Des loqueteux dansant quand le broc est à sec.
Dos esfarrapados que dançam quando o cântaro está seco.

Les poètes savants leur prêchent la vengeance,
Os poetas eruditos lhes pregam a vingança,
Et ne sachant leur mal, et les voyant brisés,
E não conhecendo seu mal, e os vendo despedaçados,
Les disent impuissants et sans intelligence.
Os chamam de impotentes e sem inteligência.

« Ils peuvent, sans quêter quelques soupirs gueusés
"Eles podem, sem pedinchar alguns suspiros mendigados,
« Comme un buffle se cabre aspirant la tempête,
Assim como um búfalo se empina aspirando a tempestade,
« Savourer à présent leurs maux éternisés :
Saborear agora seus males eternizados:"

« Nous soûlerons d'encens les Forts que tiennent tête

[93] Referindo-se à espada fina e ágil usada historicamente.

"Embriagaremos de incenso os Fortes que enfrentam
« Aux fauves séraphins du Mal ! Ces baladins
Os ferozes serafins do Mal! Esses saltimbancos
« N'ont pas mis d'habit rouge et veulent qu'on s'arrête ! »
Não vestiram trajes vermelhos e querem que paremos!"

Quand chacun a sur eux craché tous ses dédains,
Quando todos cuspiram sobre eles todo o seu desdém,
Nus, ensoiffés de grand et priant le tonnerre,
Nus, sequiosos de grandeza e rogando pelo trovão,
Ces Hamlet abreuvés de malaises badins
Esses Hamlet abeberados de desconfortos levianos

Vont ridiculement se pendre au réverbère.
Vão, ridiculamente, se enforcar no poste de luz.

Mais ou menos na mesma época, mas evidentemente um pouco mais tarde que mais cedo deve retornar a requintada

APPARITION
APARIÇÃO

La lune s'attristait. Des séraphins en pleurs,
A lua se entristecia. Serafins em pranto,
Rêvant, l'archet aux doigts, dans le calme des fleurs
Sonhando, com o arco nos dedos, na calma das flores
Vaporeuses, tiraient de mourantes violes
Vaporosas, tiravam de violas moribundas
De blancs sanglots glissant sur l'azur des corolles.
Brancos soluços deslizando sobre o azul das corolas.
— C'était le jour béni de ton premier baiser.
— Era o dia abençoado do teu primeiro beijo.
Ma songerie aimant à me martyriser
Meu devaneio, amante de me martirizar,
S'enivrait savamment du parfum de tristesse
Se embriagava sabiamente do perfume de tristeza
Que même sans regret et sans déboire laisse
Que, mesmo sem pesar e sem dissabor, deixa
La cueillaison d'un Rêve au cœur qui l'a cueilli.
A colheita de um Sonho no coração que o colheu.

J'errais donc, l'œil rivé sur le pavé vieilli,
Eu vagava então, o olhar cravado no pavimento envelhecido,
Quand, avec du soleil aux cheveux, dans la rue
Quando, com sol nos cabelos, na rua
Et dans le soir, tu m'es en riant apparue,
E no entardecer, tu me apareceste sorrindo,
Et j'ai cru voir la fée au chapeau de clarté
E acreditei ver a fada de chapéu de claridade
Qui jadis sur mes beaux sommeils d'enfant gâté
Que outrora, sobre meus belos sonos de criança mimada,
Passait, laissant toujours de ses mains mal fermées
Passava, deixando sempre de suas mãos mal fechadas
Neiger de blancs bouquets d'étoiles parfumées.
Nevar brancos buquês de estrelas perfumadas.

e a menos venerável ainda que adorável

SAINTE
SANTA

A la fenêtre recélant
À janela ocultando
Le santal vieux qui se dédore
O velho sândalo[94] *que se desdoura*
De sa viole étincelant
De sua viola cintilando
Jadis avec flûte ou mandore
Outrora com flauta ou mandora[95]

Est la Sainte pâle, étalant
É a Santa pálida, desvelando
Le livre vieux qui se déplie
O velho livro que se desdobra
Du Magnificat ruisselant

[94] Madeira aromática originária de árvores do gênero *Santalum*, amplamente valorizada por seu perfume suave e duradouro. Historicamente, foi usada para entalhes artísticos, fabricação de instrumentos musicais e na perfumaria, devido à sua fragrância refinada e propriedades medicinais.
[95] Instrumento de cordas semelhante ao alaúde, popular na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Era utilizado principalmente em música renascentista e barroca, com um timbre delicado e ornamentado.

Do Magnificat[96] *fluindo*
Jadis selon vêpre et complie :
Outrora segundo vésperas e completas[97]*:*

A ce vitrage d'ostensoir
Ante este vitral de ostensório
Que frôle une harpe par l'Ange
Que roça uma harpa pelo Anjo
Formée avec son vol du soir
Formada com seu voo da noite
Pour la délicate phalange
Para a delicada falange

Du doigt, que, sans le vieux santal
Do dedo que, sem o velho sândalo
Ni le vieux livre, elle balance
Nem o velho livro, ela balança
Sur le plumage instrumental,
Sobre a plumagem instrumental,
Musicienne du silence.
Musicista do silêncio.

Esses poemas absolutamente inéditos nos conduzem ao que chamaremos de era de publicidade de Mallarmé. Pouquíssimas peças, de uma cor e música desde então muito essenciais, apareceram na primeira e na segunda *Parnasses Contemporains*, onde a admiração pode encontrá-las à vontade. *Les Fenêtres*[98], *le Sonneur*[99], *Automne*[100], o fragmento bastante longo de uma *Hérodiade*[101] nos parecem ser os supremos entre essas coisas supremas, mas não nos demoraremos a citar o impresso longe de ser obscuro como o manuscrito, assim como aconteceu — como? senão pela MALDIÇÃO que ele mereceu, mas

[96] Hino litúrgico baseado no cântico de Maria (Lucas 1:46-55), exaltando a grandeza de Deus. Tradicionalmente recitado em momentos de oração e celebração religiosa.
[97] Orações da Liturgia das Horas, tradicionalmente realizadas ao entardecer (Vésperas) e à noite (Completas) por comunidades monásticas e religiosos.
[98] *(As Janelas)* Poema escrito por Mallarmé em 1863. Publicado em *Poésies*, edição definitiva de 1899 pela editora *La Revue Blanche* (postumamente organizada por seus amigos).
[99] *(O Sineiro)* Poema de Mallarmé escrito por volta de 1865 e publicado postumamente em *Poésies* (1899, *La Revue Blanche*).
[100] *(Outono)* Poema de Mallarmé escrito em 1874 e publicado postumamente em *Poésies* (1899, *La Revue Blanche*).
[101] *(Herodíade* ou *Herodias)* Poema dramático de Mallarmé iniciado em 1864 e publicado parcialmente em *Poésies* (1899, *La Revue Blanche*).

não mais heroicamente do que os versos de Rimbaud e Mallarmé — nesse vertiginoso livro dos *Amores Amarelos* desse surpreendente Corbière: preferimos proporcionar-lhes a alegria de ler este novo e precioso inédito que, em nossa opinião, se refere ao período intermediário em questão,

DON DU POÈME
DOM DO POEMA

Je t'apporte l'enfant d'une nuit d'Idumée !
Eu te trago o filho de uma noite de Idumeia[102]*!*
Noire, à l'aile saignante et pâle, déplumée,
Negro, com asa sangrante e pálida, depenado,
Par le verre brûlé d'aromates et d'or,
Pelo vidro queimado de aromatos e ouro,
Par les carreaux glacés, hélas! mornes encor,
Pelas vidraças geladas, ah! ainda sombrias,
L'aurore se jeta sur la lampe angélique,
A aurora se lançou sobre a lâmpada angélica,
Palmes ! et quand elle a montré cette relique
Palmas! E quando mostrou esta relíquia
À ce père essayant un sourire ennemi,
A este pai tentando um sorriso inimigo,
La solitude bleue et stérile a frémi.
A solidão azul e estéril fremiu.
O la berceuse avec ta fille et l'innocence
Ó a canção de ninar, com tua filha e a inocência
De vos pieds froids, accueille une horrible naissance.
Dos vossos pés frios, acolhe um nascimento horrível.
Et ta voix rappelant viole et clavecin,
E a tua voz, lembrando viola e clavecino[103]*,*
Avec le doigt fané presseras-tu le sein
Com o dedo mirrado, pressionarás o seio
Par qui coule en blancheur sibylline la femme
Por quem a mulher flui em brancura sibilina
Pour des lèvres que l'air du vierge azur affame?

[102] "Idumeia" (ou "Edom") era uma antiga região mencionada na Bíblia, situada ao sul da Judeia, na área onde hoje fica parte de Israel e da Jordânia.
[103] Oriundo da Europa, é um antigo instrumento musical de teclas e cordas, pertencente à família do piano e teclado. No Brasil, também é conhecido como "cravo".

Para lábios que o ar do azul virgem esfomeia?

— Para falar a verdade, este idílio foi maldosamente (e malmente!) impresso no final do último reinado por um jornal *semanal* bastante enfadonho, o *Courrier du Dimanche*[104]. Mas o que poderia significar essa contrapropaganda rancorosa, já que para todas as boas mentes o *Don du Poème*, acusado de excentricidade rebuscada, se revela ser a sublime dedicatória de um poeta preexcelente à metade de sua alma, de alguém com esses *horríveis* esforços que se ama, apesar de tentar não amá-los, e para quem se sonha toda proteção, ainda que contra si mesmo!

O *Courrier du Dimanche* era republicano liberal e protestante, mas republicano conforme os interesses e monarquista segundo lhe convinha, ou indiferente a qualquer coisa da vida pública, não é verdade que *et nunc et semper et in secula*[105] o poeta sincero se vê, se sente, sabe que é maldito pelo regime de cada interesse, ó Stello[106]?

A sobrancelha do poeta se franze sobre o público, mas seu olho se dilata e seu coração se fortalece sem se fechar, e é assim que ele preludia sua escolha definitiva de ser:

CETTE NUIT[107]
ESTA NOITE

Quand l'ombre menaça de la fatale loi
Quando a sombra ameaçou com a lei fatal
Tel vieux Rêve, désir et mal de mes vertèbres,
Tal velho Sonho, desejo e mal de minhas vértebras,
Affligé de périr sous les plafonds funèbres
Aflito por perecer sob os tetos fúnebres,
Il a ployé son aile indubitable en moi.

---

[104] *(Correio do Domingo)* Semanário francês voltado à política e à literatura, ativo entre 1858 e os primeiros anos da Terceira República na França. Seu período de circulação abrange o fim do último reinado francês — o Segundo Império de Napoleão III (1852–1870) — ao qual Verlaine faz referência. O jornal publicou, nesse período, alguns versos inéditos de Mallarmé.

[105] *Agora e sempre e para sempre*, em latim.

[106] Romance filosófico de Alfred de Vigny (1797–1863), poeta e pensador do romantismo francês. Publicado em 1832, a obra apresenta três episódios trágicos vividos por poetas sob diferentes regimes políticos, defendendo a separação entre vida artística e engajamento político. Verlaine o cita em *Les Poètes Maudits* como referência à condição marginal e sacrificada do poeta na sociedade.

[107] O poema originalmente intitulado *Quand l'ombre menaça (Quando a sombra ameaçou)* recebeu o nome *Cette nuit* quando foi incluído na coletânea *Les Poètes Maudits*. A mudança de título pode sugerir um recorte temporal mais definido, reforçando a atmosfera noturna e misteriosa do poema. No entanto, não há registros claros de Mallarmé explicando essa alteração, o que deixa espaço para interpretações quanto ao impacto dessa escolha estética e simbólica.

Ele dobrou sua asa indubitável em mim.

Luxe, ô salle d'ébène où, pour séduire un roi,
Luxo, ó sala de ébano onde, para seduzir um rei,
Se tordent dans leur mort des guirlandes célèbres,
Retorcem-se em sua morte guirlandas célebres,
Vous n'êtes qu'un orgueil menti par les ténèbres
Não sois senão um orgulho mentido pelas trevas
Aux yeux du solitaire ébloui de sa foi.
Aos olhos do solitário, deslumbrado por sua fé.

Oui, je sais qu'au lointain de cette nuit, la Terre
Sim, eu sei que, ao longínquo desta noite, a Terra
Jette d'un grand éclat l'insolite mystère
Projeta, com grande fulgor, o insólito mistério
Sous les siècles hideux qui l'obscurcissent moins.
Sob os séculos hediondos que menos a obscurecem.

L'espace à soi pareil qu'il s'accroisse ou se nie
O espaço, parelho a si mesmo, quer se expanda ou se negue,
Roule dans cet ennui des feux vils pour témoins
Rola nesse tédio com fogos vis por testemunhas,
Que s'est d'un astre en fête allumé le génie.
De que de um astro em festa se acendeu o gênio.

Quanto a este soneto, o *Tombeau d'Edgar Poe*[108], tão belo que nos parece pouco honrá-lo apenas com uma espécie de horror pânico,

LE TOMBEAU D'EDGAR POE
O TÚMULO DE EDGAR POE

Tel qu'en Lui-même enfin l'éternité le change,
Tal como em Si mesmo, enfim, a eternidade o transforma.
Le Poète suscite avec un glaive nu
O Poeta suscita, com um gládio nu,
Son siècle épouvanté de n'avoir pas connu
Seu século, apavorado por não ter sabido
Que la mort triomphait dans cette voix étrange !

[108] Homenagem ao autor, poeta, editor e crítico literário estadunidense, Edgar Allan Poe (1809-1849), de quem Mallarmé foi um grande admirador, tradutor e aprendiz.

Que a morte triunfava naquela voz estranha!

Eux, comme un vil sursaut d'hydre oyant jadis l'ange
Eles, como um vil susto de hidra ao ouvir outrora o anjo
Donner un sens plus pur aux mots de la tribu,
Dar um sentido mais puro às palavras da tribo,
Proclamèrent très haut le sortilège bu
Proclamaram bem alto o sortilégio sorvido
Dans le flot sans honneur de quelque noir mélange.
No fluxo sem honra de algum negro amálgama.

Du sol et de la nue hostiles, ô grief !
Da terra e do céu hostis, ó pesar!
Si notre idée avec ne sculpte un bas-relief
Se nossa ideia com isso não esculpe um baixo-relevo,
Dont la tombe de Poe éblouissante s'orne,
Cuja tumba esplendorosa de Poe se orna,

Calme bloc ici-bas chu d'un désastre obscur,
Calmo bloco, aqui tombado de um desastre obscuro,
Que ce granit du moins montre à jamais sa borne
Que este granito para sempre mostre ao menos o seu marco
Aux noirs vols du Blasphème épars dans le futur.
Aos voos negros da Blasfêmia esparsa no futuro.

não devemos terminar por ele? Não concretiza a abstração forçada do nosso título? Não é, em termos sibilinos, mais do que lapidares, a única palavra a ser dita sobre este terrível assunto, com o risco de sermos também *malditos*, ó glória? com Eles?

E de fato nos ateremos a esta última citação, que é a correta no caso, não menos que intrinsecamente.

Resta-nos, como sabemos, completar o estudo iniciado sobre Mallarmé e sua obra! Que prazer nos será, por mais breve que seja termos de cumprir esse dever!

Todos (dignos de saber) sabem que Mallarmé publicou em edições esplêndidas a *Après-midi d'un Faune*[109], uma fantasia ardente onde o

[109] *(A Tarde de um Fauno)* Poema publicado em 1876, considerado um marco do simbolismo francês. Inspirou o célebre *Prélude à l'après-midi d'un faune* de Claude Debussy (1894) e o balé homônimo de Vaslav Nijinsky (1912), tornando-se referência central na transição para o modernismo nas artes. Em 2017, uma tradução da obra foi realizada por Inês Cavalcanti e publicada pela editora Ibis Libris.

Shakespeare de *Adônis*[110] teria incendiado ao Teócrito[111] das mais arrebatadas églogas — e o *Toast funèbre à Théophile Gautier*[112], um pranto muito nobre sobre um exímio artífice. Estando esses poemas na publicidade, parece-nos inútil citá-los. Inútil e impiedoso. Seria destruí-los, tanto é uno o Mallarmé definitivo. Então cortem um seio dessa bela mulher!!

Todos (que entraram em questão) conhecem também os belos estudos linguísticos de Mallarmé, seus *Deuses da Grécia*[113] e suas admiráveis traduções de Edgar Poe[114], precisamente.

Mallarmé trabalha em um livro cuja profundidade surpreenderá tanto quanto seu esplendor deslumbrará a todos, exceto os cegos. Mas quando, finalmente, caro amigo[115]?

Vamos parar: o elogio, como os dilúvios, se detém em certos picos.

*
**

[110] O título original é *Venus e Adonis*, um dos três poemas mais extensos de Shakespeare, publicado em 1593.

[111] Considerado o poeta grego mais destacado do período helenístico (310 a.C-250 a.C).

[112] *(Brinde Fúnebre a Théophile Gautier)* Pierre Jules Théophile Gautier (1811-1872): poeta francês, dramaturgo, novelista, jornalista, crítico literário e de artes.

[113] *Les Dieux antiques (Os Deuses Antigos)* é o título original desta obra publicada em 1880, pela editora J. Rothschild, em Paris. Embora concebida como manual escolar, revela traços do estilo e da sensibilidade simbólica do autor, antecipando aspectos de sua poética futura.

[114] *Les Poèmes d'Edgar Poe* (1888): Coletânea de traduções feitas por Stéphane Mallarmé, publicada pela editora E. Deman, em Bruxelas, com retratos e ornamentos do pintor e artista gráfico francês Édouard Manet (1832-1883). Inclui poemas como *Le Corbeau* (*The Raven*) e *Israfel*, revelando a admiração de Mallarmé por Poe e sua busca por uma linguagem poética musical e simbólica.

[115] Mallarmé morreu em 9 de setembro de 1898, após uma súbita crise respiratória em sua casa de campo, em Valvins, perto de Paris. Seu corpo cansado cedeu, mas sua obra permaneceu suspensa entre o silêncio e a perfeição que sempre perseguiu. Sonhava com uma poesia pura e absoluta — morreu sem concluir sua *Grande Obra*, mas deixou o mundo mais enigmático e sublime do que o encontrou. Foi sepultado no Cemitério de Samoreau, na região de Seine-et-Marne, onde também repousa seu filho Anatole.

IV

MARCELINE DESBORDES-VALMORE

Apesar, de fato, dos artigos, um muito completo[116] daquele maravilhoso Sainte-Beuve[117], o outro talvez, ousamos dizer? um pouco breve de Baudelaire[118], apesar mesmo de uma espécie de boa opinião pública que não a assimila completamente a vagas Louise Collet, Amable Tastu, Anaïs Ségalas e outras *bas-bleus*[119] sem importância, (esquecemos de Loïsa Puget, que, aliás, parece ser divertida para aqueles que gostam desse tipo de coisa), Marceline

[116] Em seu artigo publicado nos *Portraits de femmes* (1844), Sainte-Beuve elogia a poesia de Marceline como profundamente sincera, musical e comovente. Ele a considera uma das vozes mais autênticas da lírica francesa, destacando sua capacidade de transformar dor pessoal em expressão poética universal.

[117] Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869); um dos mais importantes críticos literários franceses do século XIX.

[118] Embora menos enfático, o poeta, crítico de arte, ensaísta e tradutor, reconhecido como um dos fundadores da poesia moderna, Baudelaire, menciona Marceline com respeito em seus escritos críticos, como em *Curiosités esthétiques*. Reconhece sua singularidade entre as mulheres poetas, mas sem o entusiasmo que dedicava a autores como Poe ou Hugo. Sua apreciação é contida, talvez por preferir uma estética mais sombria e transgressora.

[119] *(Meias-azuis)* Expressão francesa do século XIX, derivada do inglês *blue-stocking*, originalmente usada para designar mulheres intelectuais que frequentavam salões literários — como os da intelectual britânica, crítica literária, anfitriã de salões literários em Londres e defensora da educação feminina e do diálogo intelectual entre mulheres e homens, transformada em figura central na vida cultural do século XVIII, Elizabeth Montagu (1718 - 1800) —, onde o uso de meias azuis tornou-se símbolo informal. Com o tempo, o termo ganhou conotação pejorativa e misógina, associando mulheres de letras à afetação ou pedantismo. Hoje, o termo deve ser revisto como reflexo de um preconceito histórico contra mulheres na literatura. A crítica de Verlaine não se dirige às mulheres intelectuais em geral, mas àquelas que, segundo ele, escreviam com artificialidade ou sem profundidade.

Desbordes-Valmore[120] é digna, por sua obscuridade aparente mas absoluta, de figurar entre nossos *Poetas Malditos*, e é, portanto, nosso dever imperioso falar dela o mais extensa e detalhadamente possível.

O Sr. Barbey d'Aurevilly a destacou do anonimato tempos atrás e ressaltou, com sua competência peculiar, a bizarria dela e a verdadeira competência, embora feminina, que ela possuía.

Quanto a nós, tão curiosos por bons ou belos versos, no entanto, ignorávamos isso, contentando-nos com as palavras dos mestres, quando precisamente Arthur Rimbaud nos conheceu e quase nos forçou a ler *tudo* o que pensávamos ser uma miscelânea com belezas dentro.

Nossa surpresa foi grande e requer algum tempo para ser explicada.

Primeiramente, Marceline Desbordes-Valmore era do Norte e não do Sul, uma diferença mais significativa do que se pensa. Do Norte puro, do Norte, propriamente dito (o Sul, sempre preparado, é sempre melhor, mas esse "melhor" pode muito bem ser inimigo do verdadeiro bem), — e isso agradou a nós do Norte puro também, — finalmente!

Além disso, nenhum pedantismo com uma linguagem suficiente e esforço suficiente para se mostrar apenas de maneira interessante. As citações provarão o que chamaríamos de nossa sagacidade.

Enquanto esperamos, não podemos voltar à ausência total do Sul nesta obra relativamente considerável? e, no entanto, quão ardentemente compreendido seu Norte espanhol (mas a Espanha não tem uma fleuma, uma altivez, mais frias que até mesmo qualquer britanismo?) seu Norte

Où vinrent s'asseoir les ferventes Espagnes.[121]
Onde vieram se sentar as fervorosas Espanhas.

Sim, nada de ênfase, nada de *falsidade*, nada de má-fé que é de se lamentar nas obras mais incontestáveis de além do Líger[122]. E, no entanto, como é caloroso, esses romances da juventude, essas lembranças da idade de mulher, esses tremores maternos! E doce e

---

[120] Nascida em 20 de junho de 1786, em Douai, no norte da França, Marceline Desbordes-Valmore foi filha de Catherine Lucas e Félix Desbordes, um pintor de brasões de armas arruinado pela Revolução Francesa.

[121] Um dos versos de *Rêve intermittent d'une nuit triste (Sonho intermitente de uma noite triste)*, poema publicado em 1860, na obra *Poésies inédites*.

[122] O rio mais extenso da França.

sincero, e tudo! Que paisagens, que amor pelas paisagens! E essa paixão tão casta, tão discreta, tão forte e emocionante ainda assim!

Dissemos que a linguagem de Marceline Desbordes-Valmore era suficiente, é muito suficiente que deveríamos ter dito; somente somos de um tal purismo, de um tal pedantismo, acrescentaremos, já que nos chamam de decadentes (*injúria*, entre parênteses, pitoresca, muito outonal, bem sol poente, resumidamente), que certas ingenuidades, algumas simplicidades de estilo poderiam às vezes ferir nossos preconceitos de escritores que visam ao impecável. A verdade de nossa retificação virá à tona ao longo das citações que iremos prodigalizar.

Mas quanto à paixão casta, ao mesmo tempo forte, que assinalávamos, a emoção quase excessiva que exaltávamos — é o caso de dizê-lo: sem exagero então, não! Após uma leitura dolorosa, de tão conscienciosa, dos nossos primeiros parágrafos, mantemos a opinião deles sobre ela.

E acho que a prova disso é:

UNE LETTRE DE FEMME
UMA CARTA DE MULHER

Les femmes, je le sais, ne doivent pas écrire ;
As mulheres, eu sei, não devem escrever:
J'écris pourtant
Escrevo, no entanto,
Afin que dans mon cœur au loin tu puisses lire,
A fim de que em meu coração, ao longe, possas ler,
Comme en partant.
Como ao partir.

Je ne tracerai rien qui ne soit dans toi-même
Não traçarei nada que não seja em ti mesmo,
Beaucoup plus beau,
Muito mais belo,
Mais le mot cent fois dit, venant de ce qu'on aime,
Mas a palavra, cem vezes dita, vinda de quem se ama,
Semble nouveau.
Parece nova.

Qu'il te porte au bonheur ! moi, je reste à l'attendre,

Que ela te leve à felicidade! Eu, fico à esperá-la,
Bien que, là-bas,
Embora, lá longe,
Je sens que je m'en vais pour voir et pour entendre
Sinto que estou partindo para ver e para ouvir
Errer tes pas.
Errar teus passos.

Ne te détourne pas s'il passe une hirondelle
Não te desvies se passar uma andorinha
Par le chemin,
Pelo caminho,
Car je crois que c'est moi qui passerai fidèle
Pois creio que sou eu quem passará fiel
Toucher ta main.
Para tocar tua mão.

Tu t'en vas : tout s'en va ? tout se met en voyage,
Tu te vais: tudo se vai? Tudo parte em viagem,
Lumière et fleurs ;
Luz e flores;
Le bel été te suit, me laissant à l'orage,
O belo verão te segue, deixando-me à tempestade,
Lourde de pleurs.
Carregada de lágrimas.

Mais si l'on ne vit plus que d'espoir et d'alarmes
Mas se já não vivemos senão de esperança e de alarmes,
Cessant de voir,
Deixando de ver,
Partageons pour le mieux : moi je retiens les larmes
Partilhemos da melhor forma: eu retenho as lágrimas,
Garde l'espoir.
Guarda a esperança.

Non, je ne voudrais pas, tant je te suis unie,
Não, eu não desejaria, tão unida a ti estou,
Te voir souffrir :
Ver-te sofrer:
Souhaiter la douleur à sa moitié bénie,

Desejar a dor à sua metade bendita,
C'est se haïr.
É odiar a si mesmo.

É divino? Mas esperem.

JOUR D'ORIENT
DIA DO ORIENTE

Ce fut un jour, pareil à ce beau jour,
Foi um dia, semelhante a este belo dia,
Que, pour tout perdre, incendiait l'amour.
Que, para perder tudo, o amor incendiava.
C'était un jour de charité divine
Foi um dia de caridade divina,
Où dans l'air bleu l'éternité chemine,
Onde, no ar azul, a eternidade caminha,
Où, dérobée à son poids étouffant,
Onde, despojada de seu peso sufocante,
La terre joue et redevient enfant.
A terra brinca e volta a ser criança.
C'était, partout, comme un baiser de mère ;
Era, por toda parte, como um beijo de mãe;
Long rêve errant dans une heure éphémère,
Um longo sonho errante em uma hora efêmera,
Heure d'oiseaux, de parfums, de soleil,
Hora de pássaros, de perfumes, de sol,
D'oubli de tout… hors du bien sans pareil !
Do esquecimento de tudo... exceto do bem sem igual!

…

Ce fut un jour, pareil à ce beau jour,
Foi um dia, semelhante a este belo dia,
Que pour tout perdre incendiait l'amour.
Que, para perder tudo, o amor incendiava.

Devemos nos restringir e reservar citações de outra ordem.

E, antes de passar ao exame das sublimidades mais severas, se é permitido falar assim de uma parte da obra dessa mulher

adoravelmente doce, deixem-nos, com lágrimas literalmente nos olhos, recitar-lhes com a pluma isto:

RENONCEMENT
RENÚNCIA

Pardonnez-moi, Seigneur, mon visage attristé…
Perdoai-me, Senhor, por meu semblante entristecido…
Mais, sous le front joyeux, vous aviez mis les larmes :
Mas, sob a fronte alegre, pusestes as lágrimas:
Et de vos dons, Seigneur, ce don seul m'est resté.
E, de vossos dons, Senhor, só esse me restou.

C'est le moins envié ; c'est le meilleur, peut-être.
É o menos invejado; talvez seja o melhor.
Je n'ai plus à mourir à mes liens de fleurs.
Já não preciso morrer nos meus laços de flores.
Ils vous sont tous rendus, cher auteur de mon être,
Todos vos foram devolvidos, caro autor do meu ser,
Et je n'ai plus à moi que le sel de mes pleurs…
E já não tenho senão o sal de meus prantos…

Les fleurs sont pour l'enfant, le sel est pour la femme :
As flores são para a criança, o sal é para a mulher:
Faites-en l'innocence et trempez-y mes jours.
Fazei dele a inocência e mergulhai nele meus dias.
Seigneur, quand tout ce sel aura lavé mon âme,
Senhor, quando todo esse sal houver lavado minha alma,
Vous me rendrez un cœur pour vous aimer toujours.
Vós me restituireis um coração para vos amar sempre.

Tous mes étonnements sont finis sur la terre,
Todos os meus assombros findaram sobre a terra,
Tous mes adieux sont faits, l'âme est prête à jaillir
Todos os meus adeuses foram dados, a alma está pronta a irromper
Pour atteindre à ses fruits protégés de mystère
Para alcançar seus frutos protegidos pelo mistério,
Que la pudique mort a seule osé cueillir.
Que somente a púdica morte ousou colher.

O Sauveur ! Soyez tendre au moins à d'autres mères
Ó Salvador! Sede ao menos terno com outras mães,
Par amour pour la nôtre et par pitié pour nous.
Por amor à nossa e por piedade por nós.
Baptisez leurs enfants de nos larmes amères
Batizai seus filhos com nossas lágrimas amargas
Et relevez les miens tombés à vos genoux.
E erguei os meus, tombados aos vossos pés.

Como essa tristeza supera a de *Olympio*[123] e *à Olympio*[124], por mais belos (especialmente o último) que sejam esses dois poemas orgulhosos! Mas, raros leitores, perdoem-nos, no limiar de outros santuários desta igreja de cem capelas, a obra de Marceline Desbordes-Valmore, — por cantarmos com vocês após nós:

Que mon nom ne soit rien qu'une ombre douce et vaine,
Que meu nome não seja nada além de uma sombra doce e vã,
Qu'il ne cause jamais ni l'effroi ni la peine,
Que jamais cause pavor nem penar,
Qu'un indigent l'emporte après m'avoir parlé
Que um indigente o leve consigo após ter falado comigo
Et le garde longtemps dans son cœur consolé !
E o guarde por muito tempo em seu coração consolado!

Vocês nos perdoaram?

E agora, passemos à mãe, à filha, à jovem, à inquieta, mas tão sincera cristã, que foi a poeta Marceline Desbordes-Valmore.

*
**

Dissemos que tentaríamos falar da poeta sob todos os seus aspectos.

Vamos proceder por ordem, e estamos certos de que vocês ficarão satisfeitos, com o maior número possível de exemplos. Então, aqui estão alguns espécimes abusivamente longos, primeiro da jovem romântica já em 1820 e de um Parny[125] melhorado, em uma forma

[123] Referência a *Tristesse d'Olympio (Tristeza de Olímpio)*, poema de Victor Hugo, de 1837.
[124] *(Para Olympio)* Poema escrito pelo poeta, crítico literário e dramaturgo francês Théodore de Banville, publicado em 1845.
[125] Visconde de Parny (1753–1814), nascido Évariste Désiré de Forges, foi um poeta francês originário da Ilha Bourbon (atual Reunião). Sua obra mescla lirismo, sensualidade e crítica social, com destaque para

apenas ligeiramente diferente, mas permanecendo singularmente original.

L'INQUIÉTUDE
A INQUIETUDE

Qu'est-ce donc qui me trouble ? Et qu'est-ce qui m'attend ?
O que então me perturba? E o que me espera?
Je suis triste à la ville et m'ennuie au village ;
Estou triste na cidade e entediada na aldeia;
Les plaisirs de mon âge
Os prazeres da minha idade
Ne peuvent me sauver de la longueur du temps.
Não podem me salvar da longura do tempo.
Autrefois l'amitié, les charmes de l'étude
Outrora, a amizade, os encantos do estudo
Remplissaient sans effort mes paisibles loisirs.
Preenchiam sem esforço meus pacíficos lazeres.
Oh ! quel est donc l'objet de mes vagues désirs ?
Oh! Qual é então o objeto de meus vagos desejos?
Je l'ignore et le cherche avec inquiétude.
Eu o ignoro e o busco com inquietude.
Si, pour moi, le bonheur n'était pas la gaîté,
Se, para mim, a felicidade não era a alegria,
Je ne le trouve plus dans la mélancolie ;
Já não a encontro na melancolia;
Mais si je crains les pleurs autant que la folie,
Mas se temo o pranto tanto quanto a loucura,
Où trouver la félicité?
Onde encontrar a felicidade?

…

Ela se dirige em seguida à sua "Razão", adjurando-a e abjurando-a ao mesmo tempo, tão gentilmente! De resto, admiramos, por nossa parte, esse monólogo ao estilo de Corneille[126], que seria mais terno

as *Poésies érotiques* (1778) e as *Chansons madécasses* (1787), precursoras do poema em prosa. Membro da Academia Francesa, influenciou autores como Pushkin e Chateaubriand.

[126] Pierre Corneille (1606-1684): dramaturgo francês considerado o fundador da tragédia clássica francesa, ao lado de Molière e Racine. Membro da Académie Française desde 1647, sua influência moldou profundamente o teatro do século XVII.

que o de Racine, mas digno e altivo como o estilo dos dois grandes poetas, embora com um tom inteiramente distinto.

Entre mil gentilezas um pouco sentimentais, nunca insípidas e sempre surpreendentes, pedimos que admitam neste rápido passeio alguns versos isolados especialmente para tentá-los a apreciar o conjunto:

…

Cache-moi ton regard plein d'âme et de tristesse.[127]
Esconde de mim teu olhar pleno de alma e de tristeza.

…

On ressemble au plaisir sous un chapeau de fleurs[128]
Nos assemelhamos ao deleite sob um chapéu de flores

…

Inexplicable cœur, énigme pour toi-même…
Coração inexplicável, enigma para ti mesmo…

…

Dans ma sécurité tu ne vois qu'un délire.
Na minha segurança, tu não vês senão um delírio.

…

… Trop faible esclave, écoute,
... Escravo demasiado fraco, escuta,
Écoute et ma raison te pardonne et t'absout.
Escuta, e minha razão te perdoa e te absolve.
Rends-lui du moins les pleurs ! Tu vas céder sans doute ?
Restitui-lhe ao menos os prantos! Será que cederás?
Hélas non ! toujours non ! O mon cœur, prends donc tout !
Ai de mim, não! Sempre não! Ó meu coração, então toma tudo!

---

[127] Primeiro verso do poema *Le regard (O Olhar)*, publicado na coletânea *Élégies* (1830).
[128] Este verso pertence ao poema *Le Chien d'Olivier (O Cachorro de Olivier)*, publicado na coletânea *Poésies* (1820).

Quanto a *la Prière perdue*[129], peça da qual esses últimos versos fazem parte, nos retratamos pelo uso excessivamente repetitivo da palavra "gentileza" há pouco. Com Marceline Desbordes-Valmore, às vezes não sabemos o que devemos dizer ou omitir, tal é o deleite que esse gênio, ele próprio encantador, nos causa!

Se algo expressa a paixão tão bem quanto os maiores elegíacos, é isto — ou então desistimos de entender do assunto.

E as amizades tão puras ao mesmo tempo que os amores tão castos dessa mulher terna e altiva, o que podemos dizer suficientemente além de aconselhar a ler toda a sua obra? Ouçam ainda estes dois pequenos fragmentos:

LES DEUX AMOURS
OS DOIS AMORES

C'était l'amour plus folâtre que tendre ;
Era um amor mais brincalhão que terno;
D'un trait sans force il effleura mon cœur ;
Com um traço sem força, roçou meu coração;
Il fut léger comme un riant mensonge.
Foi leve como uma risonha mentira.

…

Il offrit le plaisir sans parler de bonheur.
Ofereceu prazer sem falar de felicidade.

…

C'est dans tes yeux que je vis l'autre amour.
Foi nos teus olhos que vi o outro amor.

…

Cet entier oubli de soi-même,
Esse total esquecimento de si mesmo,
Ce besoin d'aimer pour aimer

[129] *(A Prece Perdida)* Poema contido nas coletâneas *Poésies (Poesias)* (1920) e *Élégies (Elegias)* (1930).

Essa necessidade de amar por amar

Et que le mot aimer semble à peine exprimer
E que a palavra amar parece mal expressar,
Ton cœur seul le renferme et le mien le devine.
Somente teu coração a contém, e o meu a adivinha.
Je sens à tes transports, à ma fidélité,
Eu sinto, em teus arroubos, em minha fidelidade,
Qu'il veut dire à la fois bonheur, éternité,
Que significa ao mesmo tempo felicidade, eternidade,
Et que sa puissance est divine.
E que seu poder é divino.

LES DEUX AMITIÉS
AS DUAS AMIZADES

Il est deux amitiés comme il est deux amours ;
Existem duas amizades, como existem dois amores;
L'une ressemble à l'imprudence :
Uma se parece com a imprudência:
C'est un enfant qui rit toujours.
É uma criança que sempre ri.

E todo o encanto divinamente descrito de uma amizade de pequenas meninas,

…

Puis… L'autre amitié plus grave, plus austère,
Depois… A outra amizade, mais séria, mais austera,
Se donne avec lenteur, choisit avec mystère.
Se entrega com lentidão, escolhe com mistério.

…

Elle écarte les fleurs de peur de s'y blesser.
Ela afasta as flores, com medo de se ferir nelas.

…

Elle voit par ses yeux et marche sur ses pas.
Vê por si mesma e segue seus próprios passos.
Elle attend et ne prévient pas.
Ela espera e não se antecipa.

Chegamos ao tom mais sério.

*
**

Infelizmente, não podemos deixar de nos limitar, no momento de terminar este estudo. Quantas maravilhas locais e cordiais! Que paisagens arrasianas[130] e douaisianas[131], que margens do Scarpe[132]! Quão doces e razoavelmente estranhas (sabemos o que queremos dizer e vocês nos entendem) essas jovens Albertines[133], essas Inès[134], essas Ondines[135], essa Laly Galine[136], esses requintados *"meu belo país, meu fresco berço, ar puro da minha terra verde, seja abençoado, doce ponto do universo*.[137]*"*

Temos, portanto, que nos restringir aos justos (ou melhor, injustos) limites que a fria lógica impõe às dimensões desejadas de nosso pequeno livro, nosso pobre exame de uma verdadeira grande poeta. Mas — mas! — que pena querer citar apenas fragmentos como estes, escritos bem antes de Lamartine brilhar e que são, insistimos, do Parny, tão castos e tão pacíficos! superiores nesse gênero terno!

Dieu, qu'il est tard ! quelle surprise !
Deus, como está tarde! Que surpresa!
Le temps a fui comme un éclair.
O tempo fugiu como um relâmpago.
Douze fois l'heure a frappé l'air
Doze vezes a hora golpeou o ar,
Et près de toi je suis encore assise,
E ao teu lado ainda estou sentada,

---

[130] Relativo à cidade ou à região de Arras, capital do departamento de Pas-de-Calais, ao norte da França.
[131] Relativo à comuna ou aos habitantes de Douai, cidade natal de Marceline Desbordes-Valmore.
[132] O Rio Scarpe se localiza a noroeste da França, seu curso passa principalmente por Arras e Douai.
[133] Referência à personagem Albertine, citada no poema *Le Mal du Pays (O Mal do País)*, de 1833.
[134] Poema contido em *Poésies inédites*, dedicado à quinta filha da poetisa, falecida aos 21 anos.
[135] Referência ao poema *Ondine à l'école (Ondine na Escola)*, publicado em *Poésies inédites* e dedicado à quarta filha de Marceline Desbordes, a poetisa Ondine Valmore (1821-1853), falecida aos 31 anos.
[136] *Laly Galine seule (Laly Galine Sozinha)* é outro poema da coleção *Poésies inédites*.
[137] Tradução de trecho do poema *La Vallée de la Scarpe (O Vale do Scarpe)*, publicado na obra *Poésies de Madame Desbordes-Valmore*, em 1830.

Et loin de pressentir le moment du sommeil,
E longe de pressentir o momento do sono,
Je croyais voir encore un rayon de soleil.
Eu acreditava ainda ver um raio de sol.

Se peut-il que déjà l'oiseau dort au bocage ?
Será possível que o pássaro já dorme no bosque?
Ah ! pour dormir il fait si beau !
Ah! Para dormir, a noite está tão bela!

…

Garde-toi d'éveiller notre chien endormi ;
Evita acordar nosso cão adormecido;
Il méconnaîtrait son ami
Ele não reconheceria seu amigo,
Et de mon imprudence il instruirait ma mère.
E por minha imprudência, instruiria minha mãe.

…

Écoute la raison : va-t'en, laisse ma main ;
Escuta a razão: vai embora, solta minha mão;
Il est minuit…[138]
Já é meia-noite…

É puro esse "solta minha mão", é amoroso esse "já é meia-noite", depois desse raio de sol que ela acreditava ainda ver!

Deixemos, suspirando! a jovem. A mulher, já a vimos antes, que mulher! A amiga, oh, a amiga! os versos sobre a morte de madame de Girardin[139]!

La mort vient de fermer les plus beaux yeux du monde.[140]

---

[138] Trechos do poema *L'Adieu du Soir (A Despedida da Noite),* publicado em 1830 na obra *Poésies.*

[139] Delphine Gay (1804–1855): poetisa, dramaturga e cronista francesa. Ficou conhecida como Madame de Girardin após casar-se com o jornalista Émile de Girardin. Com talento literário precoce, tornou-se uma figura central nos salões parisienses, convivendo com grandes nomes como Victor Hugo e George Sand. Usava o pseudônimo *Vicomte de Launay* para publicar suas *Cartas Parisienses*, crônicas espirituosas sobre costumes e sociedade. Além da literatura, envolveu-se com o espiritismo nascente no século XIX, sendo mencionada por Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

[140] O primeiro verso do poema *Madame Émile de Girardin*, publicado em *Poésies inédites* e escrito em 1855.

A morte acaba de fechar os mais belos olhos do mundo.

A mãe!

Quand j'ai grondé mon fils, je me cache et je pleure.[141]
Quando repreendi meu filho, me escondo e choro.

E quando esse filho vai para o colégio, um grito terrível, não é?

Candeur de mon enfant, comme on va bien vous détruire ![142]
Candura do meu filho, como serás bem destruída!

O que menos se ignora sobre Marceline Desbordes-Valmore são suas adoráveis fábulas, muito próprias, após o amargo La Fontaine[143] e o gracioso Florian[144]:

Un tout petit enfant s'en allait à l'école ;
Um pequenino menino ia para a escola;
On avait dit : allez ! il tâchait d'obéir.[145]
Disseram-lhe: vá! E ele tentava obedecer.

…

E "Le Petit Peureux[146]" e "Le Petit Menteur[147]!"
Oh! Nós imploramos, apreciem todas essas gentilezas nada insípidas, nada afetadas.

Si mon enfant m'aime,
Se meu filho me ama,

---

[141] O primeiro verso de *Hippolyte*, poema publicado na obra *Pauvres fleurs,* em 1839. Dedicado ao terceiro e único filho que sobreviveu à mãe; vivendo até 1892.
[142] Esse verso pertence ao extenso poema *À mon fils avant le collège (Ao meu filho antes do colégio)*, publicado na obra *Poésies inédites*.
[143] Jean de La Fontaine (1621-1695); poeta e fabulista francês.
[144] Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794); poeta, romancista e fabulista francês.
[145] Os dois primeiros versos de *L'écolier (O Escolar)*, poema publicado em 1822, em uma reedição da obra *Poésies***.**
[146] *(O Pequeno Medroso)* Um poema publicado em 1830 na obra *Poésies de Madame Desbordes-Valmore*, que também apareceu em coletâneas posteriores, como *Le Livre des Mères et des Enfants,* em 1840**.**
[147] *(O Pequeno Mentiroso)* Um poema publicado pela primeira vez em 1825, na obra *Élégies et poésies nouvelles,* que também apareceu em edições posteriores, como *Poésies de Madame Desbordes-Valmore*, em 1830.

canta “La Dormeuse[148]”, o que aqui quer dizer “La Berceuse[149]” quão melhor!

Dieu dira lui-même :
O próprio Deus dirá:
J’aime cet enfant qui dort.
Amo esta criança que dorme.
Qu’on lui porte un rêve d’or.[150]
Que lhe tragam um sonho dourado.

Mas, após constatar que Marceline Desbordes-Valmore foi a primeira entre os poetas de seu tempo a empregar, com a maior felicidade, ritmos inusitados, como o de onze sílabas, entre outros, sendo uma artista excepcional sem ter *plena* consciência disso, e isso foi tão melhor, resumamos nossa admiração com esta citação admirável:

LES SANGLOTS
OS SOLUÇOS

Ah! l’enfer est ici! l’autre me fait moins peur.
Ah! O inferno está aqui! O outro me assusta menos.
Pourtant le purgatoire inquiète mon cœur.
No entanto, o purgatório inquieta meu coração.

On m’en a trop parlé pour que ce nom funeste
Já me falaram demais sobre ele para que esse nome funesto
Sur un si faible cœur ne serpente et ne reste.
Não serpenteie e permaneça sobre um coração tão fraco.

Et quand le flot des jours me défait fleur à fleur,
E quando o fluxo dos dias me desfaz flor por flor,
Je vois le purgatoire au fond de ma pâleur.
Vejo o purgatório no fundo da minha palidez.

---

[148] *(A Adormecedora)* Poema contido em *Pauvres fleurs* (1839) e reaparecido em *Poésies de Madame Desbordes-Valmore* (1842) e em coletâneas como *Les Poésies de l’enfance* (1869–1881).
[149] Embora o poema de Marceline se chame originalmente “Dormeuse”, publicado em *Le Musée des familles* (1835) e incluído em *Pauvres fleurs* (1839), ele passou a ser conhecido como “La Berceuse (A Canção de Ninar)” após adaptações musicais — especialmente a de Georges Bizet em 1868, que transformou versos selecionados numa delicada canção de ninar.
[150] A quarta estrofe do poema *La Dormeuse*.

S'ils ont dit vrai, c'est là qu'il faut aller s'éteindre,
Se disseram a verdade, é nele que se deve ir para se extinguir,
O Dieu de toute vie ! avant de vous atteindre.
Ó Deus de toda vida! Antes de vos alcançar.

C'est là qu'il faut descendre, et sans lune et sans jour,
É nele que se deve descer, sem lua e sem dia,
Sous le poids de la crainte et la croix de l'amour
Sob o peso do temor e a cruz do amor,

Pour entendre gémir les âmes condamnées
Para ouvir gemer as almas condenadas
Sans pouvoir dire : allez! vous êtes pardonnées ;
Sem poder dizer: vão! Estão perdoadas;

Sans pouvoir les tarir, ô douleur des douleurs !
Sem poder estancá-los, ó dor das dores!
Sentir filtrer partout les sanglots et les pleurs ;
Sentir filtrar por toda parte os soluços e os choros;

Se heurter dans la nuit des cages cellulaires
Chocar-se contra a noite das jaulas celulares,
Que nulle aube ne teint de ses prunelles claires ;
Que nenhuma aurora tinge com suas pupilas claras;

Ne savoir où crier au Sauveur méconnu :
Não saber onde clamar ao Salvador desconhecido:
« Hélas ! mon doux Sauveur, n'êtes-vous pas venu ? »
"Ai de mim! Meu doce Salvador, acaso não viestes?"

Ah ! j'ai peur d'avoir peur, d'avoir froid, je me cache
Ah! Tenho medo de ter medo, de sentir frio, me escondo
Comme un oiseau tombé qui tremble qu'on l'attache.
Como um pássaro caído que treme com medo de ser preso.

Je rouvre tristement mes bras au souvenir…
Reabro tristemente meus braços à lembrança…
Mais c'est le purgatoire et je le sens venir.
Mas é o purgatório, e sinto que já vem.

C’est là que je me rêve après la mort menée
É nele que me imagino após a morte consumada,
Comme une esclave en faute au bout de sa journée,
Como uma escrava em erro ao fim de sua jornada,

Cachant sous ses deux mains son front pâle et flétri
Escondendo sob as duas mãos sua testa pálida e murcha,
Et marchant sur son cœur par la terre meurtri.
E pisando sobre seu coração, mortificado pela terra.

C’est là que je m’en vais au-devant de moi-même
É nele que vou ao encontro de mim mesma,
N’osant y souhaiter rien de tout ce que j’aime.
Sem ousar desejar nada daquilo que amo.

Je n’aurais donc plus rien de charmant dans le cœur
Então, eu não teria mais nada de encantador no coração,
Que le lointain écho de leur vivant bonheur.
Além do eco longínquo de sua felicidade vívida.

Ciel ! où m’en irai-je
Céus! Para onde irei
Sans pieds pour courir ?
Sem pés para correr?
Ciel ! où frapperai-je
Céus! Onde baterei
Sans clé pour ouvrir ?
Sem chave para abrir?

Sous l’arrêt éternel repoussant ma prière
Sob a sentença eterna que repele minha prece,
Jamais plus le soleil n’atteindra ma paupière
O sol nunca mais atingirá minha pálpebra,

Pour l’essuyer du monde et des tableaux affreux
Para limpá-la do mundo e das cenas horrendas
Qui font baisser partout mes regards douloureux.
Que por toda parte fazem meus olhares dolorosos baixarem.

Plus de soleil ! Pourquoi ? Cette lumière aimée
Já não haverá sol! Por quê? Essa luz amada
Aux méchants de la terre est pourtant allumée ;
Ainda assim está acesa para os perversos da terra;

Sur un pauvre coupable à l'échafaud conduit
Sobre um pobre culpado, conduzido ao cadafalso,
Comme un doux « viens à moi » l'ordre s'épanche et luit.
Como um doce "vem a mim", a ordem se esparge e reluz.

Plus de feu nulle part ! Plus d'oiseaux dans l'espace !
Já não haverá fogo em parte alguma! Nem pássaros no espaço!
Plus d'Ave Maria dans la brise qui passe !
Nem Ave Maria na brisa que passa!

Au bord des lacs taris plus un roseau mouvant !
À beira dos lagos secos, nenhum junco movediço!
Plus d'air pour soutenir un atome vivant !
Já não haverá ar para sustentar um só átomo vivo!

Ces fruits que tout ingrat sent fondre sous sa lèvre
Esses frutos que todo ingrato sente derreter sob os lábios
Ne feront plus couler leurs fraîcheurs dans ma fièvre
Já não farão escorrer seus frescores em minha febre

Et de mon cœur absent qui viendra m'oppresser
E de meu coração ausente, que virá me oprimir,
J'amasserai les pleurs sans pouvoir les verser.
Recolherei as lágrimas sem jamais poder vertê-las.

Ciel ! où m'en irai-je
Céus! Para onde irei
Sans pieds pour courir ?
Sem pés para correr?
Ciel ! où frapperai-je
Céus! Onde baterei
Sans clé pour ouvrir ?
Sem chave para abrir?

Plus de ces souvenirs qui m'emplissent de larmes,

Já não haverá essas lembranças que me enchem de lágrimas,
Si vivants que toujours je vivrais de leurs charmes ;
Tão vivas que sempre eu viveria de seus encantos;

Plus de famille, au soir, assise sur le seuil
Já não haverá família, à noite, sentada na soleira,
Pour bénir son sommeil chantant devant l'aïeul ;
Para abençoar seu sono, cantando diante do avô;

Plus de timbre adoré dont la grâce invincible
Já não haverá o timbre adorado, cuja graça invencível
Eût forcé le néant à devenir sensible ;
Teria forçado o vazio a se tornar sensível;

Plus de livres divins comme effeuillés des cieux
Já não haverá livros divinos, como se desfolhados dos céus,
Concerts que tous mes sens écoutaient par mes yeux
Concertos que todos os meus sentidos escutariam pelos meus olhos.

Ainsi n'oser mourir quand on n'ose plus vivre
Assim, não ousar morrer quando já não se ousa viver,
Ni chercher dans la mort un ami qui délivre !
Nem buscar na morte um amigo que liberta!

O parents, pourquoi donc vos fleurs sur nos berceaux
Ó pais, por que então vossas flores sobre nossos berços,
Si le ciel a maudit l'arbre et les arbrisseaux ?
Se o céu amaldiçoou a árvore e os rebentos?

Ciel ! où m'en irai-je
Céus! Para onde irei
Sans pieds pour courir ?
Sem pés para correr?
Ciel ! où frapperai-je
Céus! Onde baterei
Sans clé pour ouvrir ?
Sem chave para abrir?

Sous la croix qui s'incline à l'âme prosternée
Sob a cruz que se inclina à alma prostrada,

Punie après la mort du malheur d'être née !
Punida após a morte pela desgraça de ter nascido!

Mais quoi ! dans cette mort qui se sent expirer.
Mas que coisa! Nesta morte que se sente a expirar.
Si quelque cri lointain me disait d'espérer,
Se algum grito distante me dissesse para esperar,

Si dans ce ciel éteint quelque étoile pâlie
Se, nesse céu extinto, alguma estrela empalidecida
Envoyait sa lueur à ma mélancolie ?
Enviasse seu brilho à minha melancolia?

Sous ces arceaux tendus d'ombre et de désespoir
Sob esses tensos arcos de sombra e desespero,
Si des yeux inquiets s'allumaient pour me voir ?
Se olhos inquietos se acendessem para me ver?

Oh ! ce serait ma mère intrépide et bénie
Oh! Seria minha mãe, intrépida e bendita,
Descendant réclamer sa fille assez punie.
Descendo para reclamar sua filha já tão punida.

Oui ! ce serait ma mère ayant attendri Dieu
Sim! Seria minha mãe, que enterneceu a Deus,
Qui viendra me sauver de cet horrible lieu,
Vindo para me salvar desse lugar horrível,

Et relever au vent de la jeune espérance
E erguer ao vento da jovem esperança
Son dernier fruit tombé mordu par la souffrance.
Seu último fruto caído, mordido pelo sofrimento.

Je sentirai ses bras si beaux, si doux, si forts,
Sentirei seus braços, tão belos, tão doces, tão fortes,
M'étreindre et m'enlever dans ses puissants efforts ;
A me envolver e erguer em seus esforços poderosos;

Je sentirai couler dans mes naissantes ailes
Sentirei fluir em minhas asas nascentes

L'air pur qui fait monter les libres hirondelles,
O ar puro que faz subir as livres andorinhas,

Et ma mère en fuyant pour ne plus revenir
E minha mãe, ao fugir para nunca mais voltar,
M'emportera vivante à travers l'avenir !
Me levará viva através do futuro!

Mais avant de quitter les mortelles campagnes
Mas antes de deixarmos as mortais campinas,
Nous irons appeler des âmes pour compagnes,
Iremos chamar almas para serem nossas companheiras.

Au bout du champ funèbre où j'ai mis tant de fleurs,
Ao final do campo fúnebre onde depositei tantas flores,
Nous ébattre aux parfums qui sont nés de mes pleurs.
Deleitar-nos com os perfumes que nasceram de meus prantos.

Et nous aurons des voix, des transports et des flammes
E teremos vozes, arroubos e chamas
Pour crier : Venez-vous ? à ces dolentes âmes.
Para gritar: Já estão vindo? a essas dolentes almas.

« Venez-vous vers l'été qui fait tout refleurir,
"Já estão vindo ao verão que faz tudo reflorescer,
Où nous allons aimer sans pleurer, sans mourir ?
Onde amaremos sem chorar, sem morrer?"

« Venez, venez voir Dieu ! nous sommes ses colombes.
"Venham, venham ver Deus! Somos suas columbas.
Jetez-là vos linceuls, les cieux n'ont plus de tombes,
Lancem de si seus sudários, os céus não têm mais tumbas."

« Le Sépulcre est rompu par l'éternel amour,
"O Sepulcro foi rompido pelo amor eterno,
Ma mère nous enfante à l'éternel séjour ! »
Minha mãe nos dá à luz para a morada eterna!"

Aqui, a pluma cai de nossas mãos e lágrimas deliciosas molham nossas letras miúdas. Nos sentimos impotentes para continuar dissecando um anjo como esse[151]!

E, pedantes, já que é o nosso lastimável ofício, proclamamos em alta e inteligível voz que Marceline Desbordes-Valmore é simplesmente, — com George Sand[152], tão diferente, dura, não sem encantadoras indulgências, de alto bom senso, de aparência orgulhosa e, por assim dizer, masculina — a única mulher de gênio e talento deste século e de todos os séculos, talvez na companhia de Safo[153] e de Santa Teresa[154].

***

[151] Marceline Desbordes-Valmore faleceu em 23 de julho de 1859, em Paris, aos 73 anos. Embora a causa exata de sua morte não seja registrada, sabe-se que passou os últimos anos envolta em sofrimento físico e emocional — marcada por perdas familiares intensas, incluindo quase todos os filhos, o irmão e diversos amigos. Residiu na Rue de Rivoli até o fim da vida, e foi sepultada no Cemitério de Montmartre, divisão 26. Sua dor e ternura se cristalizaram na poesia, valendo-lhe o apelido simbólico de "Notre-Dame-des-Pleurs" — a Senhora das Lágrimas.

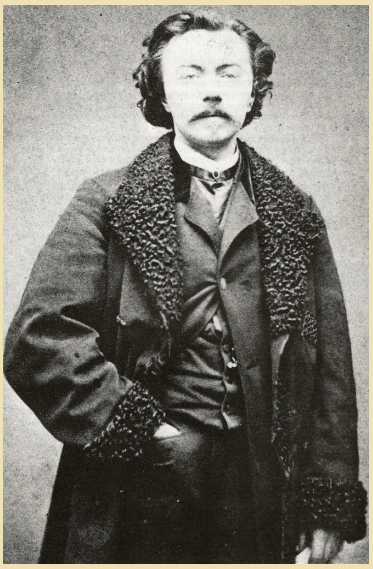
[152] Pseudônimo de Amandine-Aurore-Lucile Dupin (1804–1876), George Sand foi uma das mais influentes escritoras francesas do século XIX. Romancista, dramaturga e memorialista, destacou-se por sua defesa da liberdade feminina, pelo uso de um nome masculino para publicar suas obras, e por seu estilo literário lírico e engajado. Engajada politicamente, participou da Revolução de 1848 e sonhava com uma sociedade mais justa. Faleceu em Nohant, onde sua casa se tornou um museu literário. Victor Hugo, ao saber de sua morte, escreveu: *"Eu choro uma morte e saúdo uma imortal."*

[153] Safo de Lesbos (c. 630–570 a.C.): poetisa lírica da Grécia Antiga, Safo nasceu na ilha de Lesbos e tornou-se uma das vozes mais intensas da poesia ocidental. Escrevia sobre amor, desejo e beleza — especialmente entre mulheres — com linguagem simples e emocionalmente poderosa. Fundou um círculo feminino dedicado à arte e à educação, e sua obra influenciou poetas por milênios. Embora a maior parte de seus poemas tenha se perdido, fragmentos como a *Ode a Afrodite* revelam sua genialidade. Seu nome inspirou os termos "lésbica" e "sáfico", e Platão a chamou de "a décima musa".

[154] Santa Teresa de Ávila (1515–1582): mística, escritora e reformadora religiosa espanhola, Santa Teresa de Ávila foi uma das grandes figuras do cristianismo. Fundadora da Ordem das Carmelitas Descalças, promoveu uma vida de oração profunda, austeridade e contemplação. Escreveu obras como *O Livro da Vida* e *O Castelo Interior*, que influenciaram a espiritualidade ocidental. Foi canonizada em 1622 e proclamada Doutora da Igreja em 1970 — a primeira mulher a receber esse título. Sua festa é celebrada em 15 de outubro.

V

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM



"Não se deve escrever senão para o mundo inteiro…"

"Além disso, o que nos importa a justiça? Aquele que, ao nascer, não traz em seu peito sua própria glória nunca conhecerá o significado dessa palavra."

Essas palavras, tiradas do prefácio de *la Révolte*[155] (1870), revelam toda a essência de Villiers de l'Isle-Adam[156], o homem e a obra.

Imenso orgulho, justificado.

Uma elite parisiense, a literária e artística, bastante noturna, noturna mesmo, entregue às belas discussões mais do que às alegrias que os gases íntimos iluminam, conhece e, se não o ama, admira esse homem de gênio e talvez não o ame o suficiente, porque precisa admirá-lo.

Grandes cabelos que grisalham, um rosto largo para, dir-se-ia, ampliar os olhos magnificamente vagos, bigode real, o gesto frequente, a mil léguas de não ser belo, mas às vezes estranho, e a conversa perturbadora que uma hilaridade de repente agita para ceder

---

[155] *(A Revolta)* Peça em um ato que mostra uma mulher decidindo deixar o marido banqueiro, recusando o conformismo burguês. Com tom lírico e crítica mordaz, foi retirada de cartaz após poucas apresentações por incomodar os padrões da época.

[156] Auguste de Villiers de l'Isle-Adam nasceu em 7 de novembro de 1838, em Saint-Brieuc, no noroeste da França. Ele foi o filho único do marquês Joseph-Toussaint-Charles e de Marie-Françoise Le Nepvou de Carfort-Daniel de Kérinou.

lugar às mais belas entonações do mundo, uma voz grave lenta e calma, e de repente um contralto comovente. E que verve sempre inquietante ao máximo! Às vezes, passa um terror entre os paradoxos, um terror que parece ser compartilhado pelo conversador, e então uma gargalhada descontrolada distorce o conversador e os ouvintes, pois então explode uma inteligência completamente nova e uma força cômica. Todas as opiniões necessárias e nada do que não pode deixar de interessar a mente desfilam nesse fluxo mágico. E Villiers vai embora, deixando como uma atmosfera negra onde vive nos olhos a lembrança ao mesmo tempo de um fogo de artifício, de um incêndio, de uma série de relâmpagos e do sol!

A obra é mais difícil de ser percebida e apresentada do que o Autor, que encontramos com frequência, enquanto a obra é raríssima. Queremos dizer quase impossível de encontrar, tanto por um desdém pelo alarde, não menos do que por razões de elevada indolência, o poeta cavalheiro negligenciou a publicidade banal em busca da glória única.

Ele começou, ainda criança, com versos soberbos. Só que, vá procurá-los! Vá procurar *Morgane*[157], *Elën*[158], esses dramas como poucos entre os maiores dramaturgos já fizeram, vá procurar *Claire Lenoir*[159], um romance único neste século! E a continuação, e o final de *Axel*[160], da *Ève future*[161], obras-primas, obras-primas puras, interrompidas por anos, retomadas incessantemente como as catedrais e as revoluções, tão grandiosas quanto elas.

Felizmente, Villiers nos promete uma grande edição de suas obras completas, seis volumes, — e que volumes! — para muito em breve[162].

Embora Villiers já seja MUITO GLORIOSO, e que seu nome esteja destinado ao mais profundo retumbamento para uma posteridade sem fim, nós o classificamos entre os *Poetas Malditos*, PORQUE ELE NÃO É SUFICIENTEMENTE GLORIOSO nestes tempos que deveriam estar a seus pés.

---

[157] Uma peça teatral escrita em 1866. Posteriormente, foi revisada e reestruturada sob o título *Le Prétendant* em 1875.

[158] Um drama em três atos, publicado pela editora *Classiques Garnier* em 1865, em Paris.

[159] *Claire Lenoir* (1867) é um conto fantástico e filosófico que satiriza o positivismo científico do século XIX. A obra antecipa o simbolismo francês e revela a influência de Edgar Allan Poe na estética de Villiers.

[160] Um drama simbolista publicado postumamente pela editora *G. Charpentier et Cie* em 1890, em Paris.

[161] *(A Eva Futura)* No Brasil, a tradução dessa obra ficou a cargo de Denise Bandeira, em colaboração com a editora *Enciclopédia Itaú Cultural*, vindo a ser publicada em 2010.

[162] A *Ève future*, o *Amour suprême*, foram publicados, *Axel*, *Tribulat Bonhomet* (novo título de *Claire Lenoir*) foram reimpressos recentemente. Livro divino, livros reais! (Nota do autor.)

E olhem só! Assim como para nós e para muitos bons espíritos, a Academia Francesa, — que deu a Leconte de Lisle[163] a cadeira do célebre Hugo, o qual foi, francamente falando, uma espécie de grande poeta, — tem do bom e do melhor, e já que os Imortais do outro lado da Pont des Arts[164] finalmente! consagraram a tradição de um grande poeta substituído por um grande poeta depois de um poeta considerável que foi Népomucène Lemercier[165] substituindo ele mesmo não sabemos mais quem, quem então poderia substituir após sua morte, que esperamos estar bem longe de ocorrer, o poeta Clássico e Bárbaro, senão o Senhor Conde de Villiers de l'Isle-Adam, que é recomendado, primeiramente, pelo seu enorme título nobiliárquico, apesar de ser de duques, e sobretudo pelo imenso talento, o fabuloso gênio desse, aliás, encantador camarada, desse cavalheiro sofisticado, realizado sem os inconvenientes, de Villiers de l'Isle-Adam para dizer tudo e tudo dizer?

Agora, citemos e citemos bem, *namely*, a "cena *muda*" de *la Révolte.*

O relógio acima da porta bate uma hora da manhã, música sombria; depois, entre silêncios demorados, duas horas, depois duas e meia, depois três horas, depois três e meia e finalmente quatro horas. Félix permanece desmaiado. O amanhecer chega através das vidraças, as velas se apagam: um castiçal se quebra sozinho, o fogo empalidece.

A porta dos fundos se abre violentamente; entra Madame Elisabeth tremendo, horrivelmente pálida; ela segura um lenço na boca, sem ver o marido, ela vai lentamente em direção à grande poltrona, perto da lareira. Ela joga o chapéu, e, com a testa nas mãos, os olhos fixos, ela cai sentada e começa a sonhar em voz baixa, — Ela está com frio; seus dentes batem e ela treme.

E a cena X do terceiro ato de *Nouveau Monde*[166], onde, após a exposição muito espirituosa e muito eloquente das queixas financeiras dos inquilinos da Inglaterra na América, *todos falam juntos*, como

---

[163] Charles Marie René Leconte de Lisle (1818-1894); poeta, intelectual e principal expoente do Parnasianismo francês.

[164] (Ponte das Artes) Uma das pontes históricas de Paris, utilizada apenas por pedestres na travessia do Rio Sena.

[165] Louis-Jean-Népomucène Lemercier (1771-1840); poeta e dramaturgo francês.

[166] *Le Nouveau Monde (O Novo Mundo)* (1880): drama em cinco atos escrito por Villiers de L'Isle-Adam para celebrar o centenário da independência dos Estados Unidos. Embora inspirado por um concurso oficial, a peça transcende o evento histórico e foca no dilema íntimo de Ruth Moore, uma jovem americana dividida entre o amor e os deveres sociais.

indicam duas chaves, — e que aqui está com as chaves reduzidas às proporções do nosso texto.

{Todos falam juntos.}

EFFIE, NOELLA, MAUD *entoando um salmo*:

"Super flumina Babylonis…[167]"

O OFICIAL *atrás de Tom Burnett em pé no banquinho e com uma volubilidade estridente, dominando o salmo.*

Você está atrasado, Sir Tom! É dia de retorno! Positivamente, você está atrasado. Você fez vários tratados com os exploradores alemães: custo de cento e sessenta e três táleres que eles pronunciam dólares…

(*Canto dos pássaros nas folhagens.*)

EFFIE, MAUD, NOELLA, *mais forte.*

"Sedimus et flebimus…[168]"

O OFICIAL *gritando no ouvido de Tom Burnett.*

… E com os comerciantes da Filadélfia! Há algumas taxas bem pesadas a serem cobradas também. Quanto às operações industriais, aqui está a nota…

O CHEROKEE *sentado em seu barril.*

Beber vinho! Muito bom! Xarope de bordo em flor!

O QUAKER EADIE *lendo em voz alta.*

Os pássaros despertam do cochilo da tarde. Eles retomam seus hinos e tudo na natureza…

(*O cão de guarda late.*)

O TENENTE HARRIS *apontando para Tom Burnett.*

Silêncio! Deixem-no falar.

UM PELE-VERMELHA *confidencialmente para um grupo de negros.*

Se você vê as abelhas, os brancos vão vir; se você vê o bisão, o índio o segue.

---

[167] Expressão latina que abre o Salmo 137 da Bíblia, traduzida como *"Junto aos rios da Babilônia"*. Evoca o lamento dos judeus exilados após a destruição de Jerusalém (586 a.C.), recusando-se a cantar em terra estrangeira. Tornou-se símbolo de saudade, exílio e resistência espiritual — inspirando obras de Camões, Palestrina e Jorge de Sena.

[168] Expressão latina que significa "sentamos e choramos", retirada do Salmo 137 da Bíblia (versão Vulgata). Completa a célebre abertura *"Super flumina Babylonis" — "Junto aos rios da Babilônia, sentamos e choramos ao lembrar de Sião"*.

O SENHOR O'KEENE, *para um grupo.*

Dizem que coisas assustadoras aconteceram em Boston. Imaginem que…

TOM BURNETT, *fora de si, para o oficial.*

Atrasado! Ah, mas assim vou à ruína! Não há razão nenhuma para que tudo isso chegue ao fim! Taxem o ar que eu respiro! Por que não me prendem logo ali, na beira do bosque? Será que vivi só para ver isso? Vale mesmo a pena trabalhar e se tornar um homem honesto! Positivamente, prefiro os Mohawks.

(*Furioso para as mulheres*.)

Oh! Esse salmo!

(*Macacos se balançam nas lianas*.)

UM COMANCHE, *à parte, olhando para eles*.

Por que o Homem-do-Alto colocou o homem vermelho no centro e os brancos ao redor?

MAUD *de uma só vez, com os olhos voltados para o céu e apontando para Tom Burnett.*

Que eloquência o Espírito Santo lhe concede!

(*Este conjunto não deve durar mais do que meio minuto na cena. É um daqueles momentos de confusão em que a multidão assume a palavra.*

É uma explosão súbita de tumulto em que só se distinguem as palavras "dólares", "salmos", "atrasado!", "Babylonis", "Deixem-no falar", "Boston!", "Cochilo da tarde", etc., misturadas com latidos, gritos de crianças, guinchos de papagaios. — Macacos assustados fogem de galho em galho, pássaros atravessam o palco de um lado para o outro.)

Mesmo essas duas cenas, que citamos expressamente para fazer com que nosso título corresponda ao nosso assunto, foram duramente criticadas e achincalhadas.

Cometeu-se um erro, pois era necessário entender que o Teatro — uma coisa de convenção *relativa* — deve fazer ao poeta moderno as concessões que não pôde se dispensar de conceder aos ancestrais.

Nós nos explicamos.

Não é de Shakespeare, com seus marcadores simbólicos, nem do teatro espanhol e de suas *jornadas*[169], que às vezes abrangem anos e anos, que estamos falando.

Não, é do tão meticuloso Pai Corneille, do igualmente correto quanto terno Racine, e desse Molière[170] não menos correto, embora não tão terno — que ele retorne ao seu lugar. A unidade de lugar, por vezes rompida por este último, só cede — entre os três — à unidade de tempo, igualmente violada. Ora, *o que quis* fazer Villiers — que acabamos de lhes oferecer — senão tirar proveito, na primeira cena, de tudo o que o Palco permitia aos três Clássicos franceses, quando seus dramas se chocavam com situações estreitas demais para se desenvolverem dentro das incômodas vinte e quatro horas, cuja recomendação é atribuída ao falecido Aristóteles[171], — na segunda cena, da mesma tolerância que, é verdade, eles não ousaram aplicar no que dizia respeito a um estado de coisas de certo modo mais veloz que a própria fala.

Mas não. Proíbe-se ao gênio contemporâneo fazer o que fazia o gênio antigo. Muito se riu da CENA MUDA e da CENA ONDE TODOS FALAM JUNTOS, e ainda rirão por muito tempo. No entanto, acabamos de lhes provar de forma irrefutável, e ninguém duvida, portanto, que vocês concordem, que Villiers tinha não apenas o direito, mas cem vezes a razão de escrevê-las, ele teria cometido um grande erro se não as tivesse escrito. *Durus rex, sed rex*[172].

A obra de Villiers, lembremos, está prestes a ser publicada, e esperamos que o sucesso — vocês entendem? — O SUCESSO — levante a maldição que pesa sobre o admirável poeta, que lamentaríamos deixar tão cedo, não fosse esta uma ocasião de lhe enviar nosso mais cordial: Coragem!

---

[169]Termo usado para designar os atos das peças teatrais durante o Século de Ouro Espanhol (aproximadamente entre 1492 e 1681), período de intensa produção artística e literária. As peças eram geralmente divididas em três jornadas, cada uma representando uma etapa narrativa: introdução, desenvolvimento e desfecho. O nome "jornada" remete à ideia de trajeto dramático, como uma viagem simbólica vivida pelo espectador ao longo da encenação.

[170] Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673); dramaturgo, ator e encenador francês, reputado como um dos grandes mestres da comédia satírica.

[171] Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) foi um filósofo grego que sistematizou o conhecimento em áreas como lógica, ética, política e metafísica. Na dramaturgia, é conhecido por formular as três unidades clássicas: a Unidade de Ação (uma única trama principal), a Unidade de Tempo (a ação deve ocorrer em até 24 horas) e a Unidade de Lugar (um único espaço físico). Essas regras influenciaram profundamente o teatro e a estética literária ocidental.

[172] *Durus rex, sed rex* é uma expressão em latim que significa *"Um rei severo, mas ainda assim um rei."* Resume a ideia de que, mesmo sendo duro ou impopular, o governante legítimo continua sendo autoridade soberana. É uma variação da famosa máxima jurídica *Dura lex, sed lex* — "A lei é dura, mas é a lei.

Não falaremos sobre *Contes Cruels*[173], porque esse livro já trilhou sua estrada. Nele se encontram, entre contos milagrosos, versos demasiado raros da maturidade do poeta — pequenos poemas doces e amargos, dirigidos a ou inspirados por alguma mulher outrora adorada, provavelmente, e certamente desprezada hoje — como parece acontecer. Exibiremos deles curtos excertos.

RÉVEIL
DESPERTAR

O toi dont je reste interdit,
Ó tu, por quem fico emudecido,
J'ai donc le mot de ton abîme.
Eis que tenho a palavra do teu abismo.

…

Sois oubliée en tes hivers !
Sejas esquecida em teus invernos!

ADIEU
ADEUS

Un vertige épars sous tes voiles
Uma vertigem esparsa sob teus véus
Tente mon front vers tes bras nus.
Tenta minha fronte aos teus braços nus.

…

Et tes cheveux couleur de deuil
E teus cabelos cor de luto
Ne font plus d'ombre sur mes rêves.
Já não fazem sombra sobre meus sonhos.

RENCONTRE

[173] *(Os Contos Cruéis)* Obra de 1883, traduzida por Fernanda Barão em 1971, para uma reedição publicada pela Editorial Estampa, Lda., em Lisboa. Trata-se de uma coletânea de 28 contos que misturam fantástico, ironia e crítica mordaz ao positivismo burguês. A obra é considerada um marco do simbolismo francês e da prosa poética decadente.

REENCONTRO

Tu secouais ton noir flambeau,
Sacudias a tua escura tocha,
Tu ne pensais pas être morte :
Não pensavas estar morta:
J'ai forgé la grille et la porte
Forjei a grade e a porta,
Et mon cœur est sûr du tombeau !
E meu coração está certo do túmulo!

…

Tu ne ressusciteras pas !
Tu não ressuscitarás!

E como resistir a colocar novamente diante de seus olhos, desta vez, uma peça inteira? Como em *Isis*[174], como em *Morgane*, como em *Nouveau Monde*, como em *Claire Lenoir*, como em todas as suas obras, Villiers evoca aqui o espectro de uma mulher misteriosa, rainha do orgulho, sombria e orgulhosa como a noite ainda e já crepuscular com reflexos de sangue e ouro em sua alma e em sua beleza.

AU BORD DE LA MER
À BEIRA-MAR

Au sortir de ce bal nous suivîmes les grèves.
Ao sair daquele baile, seguimos pelos areais.
Vers le toit d'un exil, au hasard du chemin,
Rumo ao teto de um exílio, ao acaso do caminho,
Nous allions : une fleur se fanait dans sa main.
Seguíamos: uma flor murchava em sua mão.
C'était par un minuit d'étoiles et de rêves.
Foi em uma meia-noite de estrelas e de sonhos.

Dans l'ombre, autour de nous, tombaient des flots foncés.
Na sombra, ao nosso redor, caíam ondas escuras.
Vers les lointains d'opale et d'or, sur l'Atlantique,

[174] Um romance filosófico publicado pela editora *Gutenberg* em 1862, em Paris.

Rumo às longinquidades de opala e ouro, sobre o Atlântico,
L'outre-mer épandait sa lumière mystique.
O além-mar espalhava sua luz mística.
Les algues parfumaient les espaces glacés.
As algas perfumavam os espaços gelados.

Les vieux échos sonnaient dans la falaise entière !
Os velhos ecos soavam por toda a falésia!
Et les nappes de l'onde aux volutes sans frein
E os lençóis da onda, em volutas sem freio,
Écumaient, lourdement, contre les rocs d'airain.
Espumavam, pesadamente, contra os rochedos de bronze.
Sur la dune brillaient les croix d'un cimetière.
Na duna, brilhavam as cruzes de um cemitério.

Leur silence, pour nous, couvrait ce vaste bruit.
Seu silêncio, para nós, cobria aquele vasto ruído.
Elles ne tendaient plus, croix par l'ombre insultées,
Já não estendiam mais, cruzes insultadas pela sombra,
Les couronnes de deuil, fleurs de mort, emportées
As coroas de luto, flores de morte, levadas
Dans les flots tonnants, par les tempêtes, la nuit.
Nas ondas trovejantes, pelas tempestades, à noite.

Mais de ces blancs tombeaux en pente sur la rive,
Mas, daqueles brancos túmulos em declive sobre a margem,
Sous la brume sacrée, à des clartés pareils,
Sob a névoa sagrada, a clarões semelhantes,
L'ombre questionnait en vain les grands sommeils :
A sombra questionava em vão os eternos sonos:
Ils gardaient le secret de la Loi décisive.
Eles guardavam o segredo da Lei decisiva.

Frileuse, elle voilait d'un cachemire noir
Friolenta, ela velava com um caxemira negro
Son sein royal, exil de toutes mes pensées !
Seu seio real — exílio de todos os meus pensamentos!
J'admirais cette femme aux paupières baissées,
Eu admirava aquela mulher de pálpebras baixas:
Sphynx cruel, mauvais rêve, ancien désespoir !

Esfinge cruel, mau sonho, antigo desespero!

Ses regards font mourir les enfants. Elle passe
Seus olhares matam as crianças. Ela passa,
Et se laisse survivre en ce qu'elle détruit.
E se deixa sobreviver naquilo que destrói.
C'est la femme qu'on aime à cause de la Nuit,
É a mulher que amamos por causa da Noite,
Et ceux qu'elle a connus en parlent à voix basse.
E aqueles que ela conheceu falam dela em voz baixa.

Le danger la revêt d'un rayon familier :
O perigo a reveste de um raio familiar:
Même dans son étreinte oublieusement tendre,
Mesmo em seu abraço esquecidamente terno,
Ses crimes évoqués sont tels qu'on croit entendre
Seus crimes evocados são tais que se acredita estar ouvindo
Des crosses de fusils tombant sur le palier.
Coronhas de fuzis caindo sobre o patamar.

Cependant sous la honte illustre qui l'enchaîne,
Porém, sob a vergonha ilustre que a acorrenta,
Sous le deuil où se plaît cette âme sans essor
Sob o luto onde se compraz aquela alma sem elã,
Repose une candeur inviolée encor
Repousa uma candura ainda inviolada,
Comme un lys enfermé dans un coffret d'ébène.
Como um lírio trancado num cofre de ébano.

Elle prêta l'oreille au tumulte des mers,
Ela prestou o ouvido ao tumulto dos mares,
Inclina son beau front touché par les années,
Inclinou sua bela fronte tocada pelos anos,
Et se remémorant ses mornes destinées,
E, ao rememorar seus lôbregos destinos,
Elle se répandit en ces termes amers :
Desafogou nestes termos amargos:

« Autrefois, autrefois, — quand je faisais partie
"Outrora, outrora — quando eu fazia parte

» Des vivants, — leurs amours sous les pâles flambeaux
Dos vivos — seus amores, sob os pálidos archotes
» Des nuits, comme la mer au pied de ces tombeaux
Das noites, como o mar aos pés destes túmulos,
» Se lamentaient, houleux, devant mon apathie.
Lamentavam-se, revoltos, diante da minha apatia.”

» J’ai vu de longs adieux sur mes mains se briser :
“Vi longas despedidas se desfazerem sobre minhas mãos:
» Mortelle, j’accueillais sans désir et sans haine,
Mortal, acolhia — sem desejo e sem ódio —
» Les aveux suppliants de ces âmes en peine :
As confissões suplicantes dessas almas em sofrimento:
» Le sépulcre à la mer ne rend pas son baiser.
O sepulcro ao mar não retribui seu beijo.”

» Je suis donc insensible et faite de silence
“Sou, portanto, insensível e feita de silêncio.
» Et je n’ai pas vécu ; mes jours sont froids et vains,
E eu não vivi; meus dias são frios e vãos.
» Les Cieux m’ont refusé les battements divins !
Os Céus me negaram os batimentos divinos!
» On a faussé pour moi les poids de la balance.
Adulteraram, para mim, os pesos da balança.”

» Je sens que c’est mon sort même dans le trépas :
“Sinto que este é meu destino, mesmo no trespasse:
» Et soucieux encore des regrets ou des fêtes,
E, ainda preocupados com arrependimentos ou festas,
» Si les morts vont chercher leurs fleurs dans les tempêtes
Se os mortos vão buscar suas flores nas tempestades,
» Moi je reposerai, ne les comprenant pas. »
Eu repousarei, sem compreendê-los.”

Je saluai les croix lumineuses et pâles.
Saudei as cruzes, luminosas e pálidas.
L’étendue annonçait l’aurore, et je me pris
A vastidão anunciava a aurora, e eu me pus
À dire, pour calmer ses ténébreux esprits
A dizer, para acalmar seus tenebrosos espíritos,

Que le vent du remords battait de ses rafales
Que o vento do remorso batia com suas rajadas.

Et pendant que la mer déserte se gonflait :
E enquanto o mar deserto se insuflava:
« Au bal vous n'aviez pas de ces mélancolies
"No baile, você não tinha essas melancolias,
» Et les sons de cristal de vos phrases polies
E os sons de cristal das suas frases polidas
» Charmaient le serpent d'or de votre bracelet.
Encantavam a serpente de ouro do seu bracelete."

» Rieuse et respirant une touffe de roses,
"Risonha e respirando um ramo de rosas,
» Sous vos grands cheveux noirs mêlés de diamants,
Sob seus longos cabelos negros entrelaçados de diamantes,
» Quand la valse nous prit, tous deux, quelques moments,
Quando a valsa nos tomou, a ambos, por breves instantes,
» Vous eûtes, en vos yeux, des lueurs moins moroses.
Houve, em seus olhos, centelhas menos merencórias."

» J'étais heureux de voir sous le plaisir vermeil
"Fiquei feliz ao ver, sob o prazer arrebol,
» Se ranimer votre âme à l'oubli toute prête,
Sua alma se reanimar, pronta para o oblívio,
» Et s'éclairer enfin votre douleur distraite
E enfim se iluminar sua dor distraída,
» Comme un glacier frappé d'un rayon de soleil. »
Como um glaciar atingido por um raio de sol."

Elle laissa briller sur moi ses yeux funèbres
Ela deixou brilhar sobre mim seus olhos fúnebres,
Et la pâleur des morts ornait ses traits fatals.
E a palidez dos mortos ornava seus traços fatais.
« Selon vous, je ressemble aux pays boréals,
"Segundo você, pareço os países boreais?
» J'ai six mois de clartés et six mois de ténèbres ?
Tenho seis meses de luz e seis meses de trevas?"

» Sache mieux quel orgueil nous nous sommes donné

“Saiba bem que orgulho nos demos,
» Et tout ce qu’en nos yeux il empêche de lire :
E tudo o que, em nossos olhos, ele impede de ler:
» Aime-moi, toi qui sais que, sous un clair sourire,
Ama-me, tu que sabes que, sob um sorriso claro,
» Je suis pareille à ces tombeaux abandonnés. »
Sou igual a esses túmulos abandonados.”

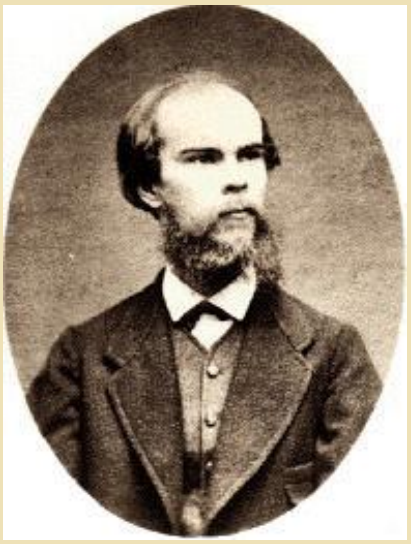
E, sobre esses versos que devem ser qualificados como sublimes, nos despediremos definitivamente — maldito pequeno espaço! — do amigo[175] que os fez.

⁂

[175] Villiers de l’Isle-Adam morreu em 18 de agosto de 1889, aos 50 anos, vítima de câncer no estômago. Passou seus últimos dias em Paris, mergulhado em pobreza e esquecimento, apesar de seu talento inegável. Conta-se que, com humor sombrio e orgulho inabalável, teria dito no leito de morte: *“Je vais vers l’idéal”* — “Vou rumo ao Ideal.” Foi enterrado no Cemitério de Batignolles, e mais tarde transferido para o Père-Lachaise, ao lado de tantos outros nomes imortais da literatura francesa.

VI

PAUVRE LELIAN[176]



Este Maldito teve, de fato, o destino mais melancólico, pois esta palavra suave pode, afinal, caracterizar os infortúnios de sua existência[177], devido ao candor de caráter e à fraqueza, irremediável? de coração, que o fizeram dizer a si mesmo, de si mesmo, em seu livro *Sapientia*[178],

Et puis, surtout, ne va pas t'oublier toi-même,
E depois, sobretudo, não te esqueças de ti mesmo,
Traînassant ta faiblesse et ta simplicité
Arrastando tua fraqueza e tua simplicidade
Partout où l'on bataille et partout où l'on aime,
Por onde se batalha e por onde se ama,
D'une façon si triste et folle en vérité !
De uma forma tão triste e louca, na verdade!

. . .

[176] *Pauvre Lelian* é um nome que Paul Verlaine criou trocando as letras de seu próprio nome — um anagrama com toque de autocrítica. Em francês, *pauvre* significa "pobre" ou "coitado".
[177] Nascido em Metz, comuna francesa situada na região de Lorraine, em 30 de março de 1844, Paul-Marie Verlaine era filho de Nicolas-Auguste Verlaine e de Élisa Stéphanie Dehée, um casal de pequena burguesia.
[178] *"Sabedoria"* em latim e, em francês, *Sagesse* — o título da quinta coleção de poesias em verso do poeta, publicada pela *Société général de librairie catholique (Sociedade Geral de Livrarias Católicas)*, em 1880.

A-t-on assez puni cette lourde innocence ?[179]
Já se puniu o suficiente essa pesada inocência?

E no seu volume *Charité*[180], que acaba de ser publicado:

J'ai la fureur d'aimer, mon cœur si faible est fou.[181]
Tenho a fúria de amar — meu coração tão fraco é louco.

…

Je ne puis plus compter les chutes de mon cœur.[182]
Já não consigo contar as quedas do meu coração.

e que foram os únicos elementos, entendam bem, dessa tempestade, sua vida!

Sua infância foi feliz.

Pais excepcionais, um pai requintado, uma mãe encantadora, mortos, infelizmente! Mimavam-no como filho único que era. No entanto, ele fora colocado num colégio interno bem cedo e foi aí que começou a ruína. Ainda o vemos em seu longo jaleco preto, com a cabeça raspada, dedos na boca, encostado na cerca que separa dois pátios de recreio, quase chorando no meio dos outros meninos, já endurecidos, brincando! Mesmo à noite, ele fugiu e foi reconduzido no dia seguinte, com a ajuda de bolos e promessas, ao "internato" onde, desde então, ele também se "depravou" e se tornou um vilão travesso, não muito malvado, com sonhos na cabeça. Seus estudos eram indiferentes, e foi com muito esforço que ele passou no ensino médio após alguns sucessos vagos, apesar de sua preguiça, que era, repetimos, apenas devaneio já naquela época. A posteridade saberá, se ela se interessar por ele, que o Liceu Bonaparte, desde Condorcet, depois Fontanes, depois novamente Condorcet, foi o estabelecimento onde se gastou o fundo de suas calças de menino e adolescente. Uma ou duas matrículas na Faculdade de Direito e muitos chopes

---

[179] Versos do poema *Qu'en dis-tu, voyageur, des pays et des gares ?… (O que você diz, viajante, sobre os países e as estações de trem?...)*

[180] *(Caridade)* A sexta coleção de poesias em verso do poeta, publicada em 1888, pelo editor Léon Vanier, sob o título de *Amour (Amor)*.

[181] Verso retirado da extensa seção de 25 poemas dedicados a Lucien Létinois (1860-1883), um amigo a quem Verlaine muito amava, falecido em 1883.

[182] Verso de um de seus poemas, o *Angélus de midi (Angelus de meio-dia)*.

consumidos nos *cabarés* da época, esboços das atuais cervejarias com mulheres, completaram essas medíocres humanidades. Foi a partir desse momento que ele começou a escrever versos. Já desde os quatorze anos, rimava incessantemente, criando coisas realmente engraçadas no estilo obsceno-macabro. Ele queimou bem rápido, esqueceu ainda mais rápido esses ensaios informais, mas divertidos, e publicou *Mauvaise Étoile*[183]*,* pouco depois que várias peças suas haviam sido incluídas na primeira Parnasse de Lemerre. Esta coletânea, — é de *Mauvaise Étoile* que estamos falando — teve um lindo sucesso de hostilidade entre a imprensa. Mas o que o gosto de Pauvre Lelian pela poesia tinha a ver com isso, um gosto real, se não um talento ainda fora do comum? E, um ano depois, ele publicou *Pour Cythère*[184]*,* onde um progresso muito sério foi reconhecido pela crítica. O pequeno livro até causou algum alvoroço no mundo dos poetas. Mais um ano depois, uma nova plaqueta, *Corbeilles de noces*[185], proclamava a graça e a gentileza de uma noiva… e foi a partir daí que "sua chaga" pôde ser datada.

…
…
…

Após o término desse período mortal, apareceu *Sapientia*, anteriormente mencionada e citada. Quatro anos antes, no olho do furacão, foi a vez de *Flûte et Cor*[186], um volume sobre o qual se falou muito desde então, pois continha várias partes bastante novas.

A conversão de Pauvre Lelian ao catolicismo, *Sapientia*, que dela procedia, e a subsequente aparição de uma coletânea um pouco mista,

---

[183] *(Má Estrela)* Apesar de ser mencionada por Verlaine, *Mauvaise Étoile* não corresponde a uma obra publicada. Provavelmente designa poemas iniciais marcados por melancolia, que mais tarde foram integrados ao livro *Poèmes saturniens* (1866).

[184] Não há registro conhecido de uma obra intitulada *Pour Citère* escrita por Paul Verlaine. É possível que o nome se refira a "Cythère", um poema famoso de Verlaine incluído no livro *Fêtes galantes (Festas Galantes)* (1869), inspirado na ilha grega de Citera — símbolo clássico do amor e da sensualidade.

[185] *(Cesta de Casamento)* Paul Verlaine utiliza o título simbólico "Corbeille de noces" para se referir à sua coletânea *La Bonne Chanson (A Boa Canção)* (1870), dedicada à esposa Mathilde Mauté (1853-1914), que foi figura central na vida de Verlaine durante sua fase mais lírica e esperançosa.

[186] *(Flauta e Trompa)* Título mencionado por Verlaine como uma obra publicada por volta de 1884. Contudo, não há registros conhecidos de sua publicação, nem exemplares preservados. Pode se tratar de um projeto não realizado, uma edição extremamente limitada ou um agrupamento simbólico de poemas integrados a outras coletâneas.

Avant-hier et hier[187], onde um bom número de notas menos austeras alternavam com poemas quase demasiado místicos, fizeram, no pequeno mundo das verdadeiras Letras, com que irrompesse uma polêmica cortês, mas acalorada. Um poeta não era livre para fazer de tudo, desde que tudo fosse belo e bem feito, ou deveria se limitar a um gênero, sob o pretexto de unidade? Questionado por vários de seus amigos sobre este assunto, nosso autor, apesar de seu horror nato por esse tipo de consultas, respondeu com uma longa digressão, que nossos leitores talvez leiam com interesse pela sua ingenuidade.

Aqui está esta peça:

"É certo que o poeta deve, como todo artista, após a intensidade, uma condição heróica indispensável, buscar a unidade. A unidade de tom (que não é a monotonia), um estilo reconhecível em qualquer parte de sua obra tomada indiferentemente, hábitos, atitudes; a unidade de pensamento também, e aqui é onde um debate poderia começar. Em vez de abstrações, vamos simplesmente tomar nosso poeta como campo de disputa. Sua obra se divide, a partir de 1880, em duas partes bem distintas, e o prospecto de seus livros futuros indica que ele decidiu continuar esse sistema e publicar, se não simultaneamente (aliás, isso depende apenas de conveniências eventuais e foge da discussão), pelo menos paralelamente, obras de uma absoluta diferença de ideias, — para ser mais preciso, livros onde o catolicismo exibe sua lógica e seus atrativos, suas blandícias e seus terrores, e outros puramente mundanos: sensuais, com uma afligente boa disposição e cheios de orgulho da vida. O que acontece com a unidade de pensamento preconizada em tudo isso, dirão?

Mas ela está ali? Ela está ali a título humano, a título católico, o que é a mesma coisa aos nossos olhos. Eu acredito, e peco por pensamento assim como por ação; eu acredito, e me arrependo por pensamento enquanto espero algo melhor. Ou ainda, eu acredito e sou um bom cristão neste momento; acredito e sou um mau cristão no instante seguinte. A lembrança, a expectativa, a invocação de um pecado me deleitam com ou sem remorsos, às vezes na própria forma e munida de todas as consequências do Pecado, mais frequentemente, tanto a carne e o sangue são fortes, — naturais e *animais*, como as lembranças, expectativas e invocações do primeiro e belo livre-pensador. Esse deleite, eu, vocês, ele, escritores, nos apraz

[187] *(Anteontem e Ontem)* Não há registro de uma publicação formal com esse nome. Provavelmente trata-se de um título simbólico ou provisório, usado por Verlaine para expressar a tensão entre fé e desejo que atravessa sua obra nessa fase. Uma espécie de rascunho existencial em forma de livro.

colocá-lo no papel e publicá-lo, mais ou menos bem ou mal expresso; finalmente, o consignamos na forma literária, esquecendo todas as ideias religiosas ou não perdendo nenhuma de vista. De boa fé, irão nos condenar como poeta? Cem vezes não. Quer a consciência do católico raciocine de outra forma ou não, isso não tem a ver conosco.

Atualmente, os versos católicos de Pauvre Lelian superam literariamente seus outros versos? Cem vezes sim. O tom é o mesmo nos dois casos, grave e simples aqui, ornamentado, lânguido, nervoso, risonho e tudo mais ali; mas o mesmo tom em toda parte, assim como o HOMEM místico e sensual permanece o homem intelectual sempre nas manifestações diversas de um mesmo pensamento que tem seus altos e baixos. E Pauvre Lelian se encontra muito livre para fazer claramente volumes apenas de oração ao mesmo tempo que volumes apenas de impressão, do mesmo modo que o contrário ser-lhe-ia mais permissível."

…
…
…

Desde então, Pauvre Lelian produziu um pequeno livro de crítica, — ô, de crítica! de exaltação, antes, — a propósito de alguns poetas desconhecidos. Esse livreto se chamava *les Incompris*[188], e nele não se lia ainda, entre outras coisas, sobre um tal Arthur Rimbaud, este, em quem Lélian gostava de ver simbolizadas certas fases de seu próprio destino[189]:

LE CŒUR VOLÉ
O CORAÇÃO ROUBADO

Mon triste cœur bave à la poupe,
Meu triste coração baba na popa,
Mon cœur est plein de caporal.
Meu coração está cheio de caporal.
Ils lui lancent des jets de soupe.

[188] Verlaine menciona *Les Incompris (Os Incompreendidos)* como um "pequeno livro de crítica", mas não há registro de sua publicação; trata-se provavelmente de um projeto não realizado ou simbólico.
[189] Os dois poemas a seguir são de autoria de Arthur Rimbaud. Ambos foram escritos entre 1870 e 1871, quando Rimbaud tinha apenas 16 ou 17 anos, e aparecem em diferentes versões nas cartas que o poeta enviou a seus mentores, principalmente *Le Cœur supplicié*, *Le Cœur du pitre*, antes de ser copiado por Verlaine em seu caderno pessoal como *Le Cœur Volé.*

Eles lhe lançam jatos de sopa.
Mon triste cœur bave à la poupe.
Meu triste coração baba na popa.
Sous les quolibets de la troupe
Sob as zombarias da tropa,
Qui pousse un rire général,
Que solta uma risada geral,
Mon triste cœur bave à la poupe,
Meu triste coração baba na popa,
Mon cœur est plein de caporal.
Meu coração está cheio de caporal.

Ithyphalliques et pioupiesques,
Itifálicos e bizonhescos,
Leurs insultes l'ont dépravé.
Seus insultos o depravaram.
A la vesprée, ils font des fresques
Ao vésper, eles fazem afrescos
Ithyphalliques et pioupiesques.
Itifálicos e bizonhescos.
O flots abracadabrantesques,
Ó ondas abracadabrantescas,
Prenez mon cœur, qu'il soit sauvé !
Levem meu coração — que ele seja salvo!
Ithyphalliques et pioupiesques,
Itifálicos e bizonhescos,
Leurs insultes l'ont dépravé.
Seus insultos o depravaram.

TÊTE DE FAUNE
CABEÇA DE FAUNO

Dans la feuillée, écrin vert taché d'or,
Na folhada, escrínio verde manchado de ouro,
Dans la feuillée incertaine et fleurie,
Na folhada incerta e floreada,
D'énormes fleurs où l'acre baiser dort,
De enormes flores onde o acre beijo dorme,
Vif et devant l'exquise broderie,
Vivo e diante do requintado bordado,

Le Faune affolé montre ses grands yeux
O Fauno, alvoroçado, mostra seus grandes olhos
Et mord la fleur rouge de ses dents blanches
E morde a flor vermelha com seus dentes brancos.
Brunie et sanglante ainsi qu'un vin vieux,
Escurecido e sangrento como um vinho velho,
Sa lèvre éclate en rires sous les branches;
Seu lábio explode em risos sob os ramos;

Et quand il a fui, tel un écureuil,
E quando ele fugiu, tal qual um esquilo,
Son rire perle encore à chaque feuille
Seu riso ainda perola a cada folha,
Et l'on croit épeuré par un bouvreuil
E acredita-se, assustado por um pintarroxo,
Le baiser d'or du bois qui se recueille.
No beijo de ouro do bosque em recolha.

Ele está preparando, através de problemas de toda natureza, vários volumes. *Charité* foi publicado em março passado. *A-côté*[190] vai ser publicado. O primeiro, seguindo *Sapientia*, é um volume de um catolicismo áspero e doce; o outro é uma coletânea em versos das sensações das mais sinceras, mas bem ousadas.

Finalmente, ele viu a impressão de duas obras em prosa, *les Commentaires de Socrate*[191], autobiografia um pouco generalizada, e *Clovis Labscure*[192], título principal de várias histórias que serão continuadas, se Deus quiser.

Ele tem muitos outros projetos. No entanto, está um pouco doente e desanimado, e pede a permissão de ir se deitar[193].

---

[190] *(Ao lado)* Obra anunciada por Verlaine em *Les Poètes Maudits*, jamais publicada. Provavelmente planejada, talvez fictícia.

[191] *(Os Comentários de Sócrates)* Título mencionado por Verlaine como obra autobiográfica em prosa, jamais publicada com esse nome. Considera-se que o projeto esteja relacionado a *Mémoires d'un veuf (Memórias de um viúvo)* (1886), uma obra de tom confessional e reflexivo.

[192] Título mencionado por Verlaine como obra em prosa na segunda série de *Les Poètes Maudits*, sem registro de publicação. Provavelmente fictício ou projeto não realizado.

[193] Paul Verlaine faleceu em Paris, em 8 de janeiro de 1896, aos 51 anos, vítima de pneumonia aguda, agravada por anos de alcoolismo e problemas de saúde. Foi sepultado no Cemitério de Batignolles, em Paris. É considerado um dos principais nomes do Simbolismo francês, cuja poesia lírica e musical influenciou gerações posteriores. Em 1894, foi aclamado como o "Príncipe dos Poetas" pela nova geração literária francesa.

— Ah! Assim que bem recuperado, ele escreve e vai ou quer, o que é a mesma coisa, viver *Beatitudo*[194].

FIM

[194] Em latim, uma palavra que designa um estado de plena felicidade, bênção ou beatitude.